



A Liahona
Fevereiro/Março de 1986



OS PROFETAS FALAM

JOSEPH SMITH FALA SOBRE A RESSURREIÇÃO

Os que morreram em Jesus Cristo podem esperar receber toda a plenitude da alegria, que tiveram ou que esperaram ter aqui ao saírem da tumba.

Foi tão clara a visão (da ressurreição), que vi os homens antes que tivessem saído da tumba, como se estivessem levantando-se lentamente. Deram-se as mãos, e exclamaram uns para os outros: “Meu pai; meu filho, minha mãe; minha filha; meu irmão; minha irmã!” E, quando se ouvir a voz que ordena aos mortos que se

levantem, e supondo que estivesse sepultado ao lado de meu pai, qual seria o primeiro júbilo de meu coração? Ver meu pai, meu irmão, minha irmã; e caso se encontrassem ao meu lado, eu os abraçaria e eles a mim...

Todas as vossas perdas vos serão restituídas na ressurreição, se permanecerdes fiéis. Por meio da visão do Senhor Todo-Poderoso, vislumbrei que assim acontecerá.

Para mim, pensar na aniquilação é mais angustiante que a morte. Se não

tivesse a esperança de voltar a ver meu pai, mãe, irmãos, irmãs e amigos, meu coração se partiria no mesmo instante, e eu desceria à sepultura.

A esperança de ver meus amigos na manhã da ressurreição dá ânimo à minha alma, permite-me suportar as tribulações da vida. É como se eles tivessem empreendido uma longa viagem, e, ao voltar, os recebêssemos com grande alegria. ■

Ensinamentos do Profeta Joseph Smith.
(Compilado por Joseph Fielding Smith, p. 287.)

A Liahona

Fevereiro/Março de 1986
Volume 39 - Nº 2
PBMA0427PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando matérias das
revistas ENSIGN, NEW ERA e
FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Marion G. Romney,
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Howard W. Hunter,
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard

Comitê de Supervisão:
Carlos E. Asay, Rex D. Pinegar,
George P. Lee, James M. Paramore

Editor:
Carlos E. Asay

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Adjunto: David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: Sharri Cook

Capa: Ilustração de Larry Winborg

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Assinaturas: Victor Hugo C. Pires

Supervisor de Produção:
Eliás Nelson Munhoz Dias

Na capa: Apresentação de Novos Hinos
da Igreja

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de
Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da
assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa,
Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa.
Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$
5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa
agência: Cr\$ 2.500,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente
de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número
93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de
9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob
outros títulos, também em alemão, chinês, coreano,
dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês,
inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e
tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e
Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone:
289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua
Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim
da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida
por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar
somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante,
serão bem-vindas as colaborações para apreciação da
redação e da equipe internacional do "International
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.



ÍNDICE

	Os Profetas Falam: Joseph Smith Fala sobre a Ressurreição
2	Mensagem da Primeira Presidência: Não Tenteis Dar Conselhos ao Senhor Presidente Marion G. Romney
6	Encontrar o Milagre da Páscoa Janene Wolsey Baadsgaard
9	Mensagem da Primeira Presidência: A Contínua Busca da Verdade Presidente Gordon B. Hinckley
12	Hinos de Sião: Abençoa Nosso Profeta
14	José, Exemplo de Excelência Arthur R. Bassett
20	"Deixai que Se Enchem Vossos Corações de Constantes e Fervorosas Orações" James T. Duke
21	Advertido em Sonho David J. Hardy
22	Si Peterson: Um SUD Típico, Mas Sem Igual Jeannie Takahashi
26	Nunca É Tarde Demais Élder John K. Carmack
29	Perguntas e Respostas: Olho por Olho Ermel J. Morton
30	Os Dois que Andam Juntos Wayne B. Lynn
34	Confirmando o Testemunho da Primeira Visão Milton V. Backman
41	Mormonismo

SEÇÃO INFANTIL	
2	De um Amigo para Outro: Barbara W. Winder Janet Peterson
4	História das Escrituras: Jacó e Esaú
7	Tempo de Compartilhar: O Que Devo Dizer Quando Oro? Pat Graham
8	Boneca de Papel: Niels da Dinamarca



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

NÃO TENTEIS DAR CONSELHOS AO SENHOR

Presidente Marion G. Romney

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

O grande profeta do Livro de Mórmon, Jacó, aconselha significativamente os que vivem nos últimos dias: “Não tenteis dar conselhos ao Senhor, mas, sim, recebei conselhos de sua mão.” (Jacó 4:10.)

A meu ver, tentar aconselhar o Senhor geralmente significa não dar atenção ao conselho do Senhor, seja consciente ou inconscientemente, e substituí-lo por nosso próprio conselho ou pelas convicções dos homens. Fazer isso é uma fraqueza humana muito comum. Mas até sermos capazes de vencê-la, nunca sentiremos uma proximidade real com o Espírito do Senhor, independente de nossos outros dons e conquistas.

Por outro lado, quando uma pessoa aprende qual é o conselho do Senhor e o segue, não pode deixar de sentir-se mais apegada ao Espírito. Desde o início, a

história do relacionamento de Deus com seus filhos na terra testifica que aqueles que não prestam atenção ao seu conselho, malogram e não conhecem nada além da miséria.

Na época de Samuel, por exemplo, Israel pediu um rei. “Constitui-nos um rei”, clamavam eles, “para que ele nos julgue, como o têm todas as nações”. (I Samuel 8:5.) Eles achavam que era mais importante ser iguais aos povos que os cercavam, as nações gentias, do que seguir o conselho do Senhor. O Senhor protestou solenemente por intermédio de Samuel, dizendo:

“Este será o costume do rei que houver de reinar sobre vós: Ele tomará os vossos filhos... para os seus carros, e para seus cavaleiros...”

“E tomará as vossas filhas para... cozinheiras, e padeiras.”

“E tomará o melhor das vossas terras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais...”

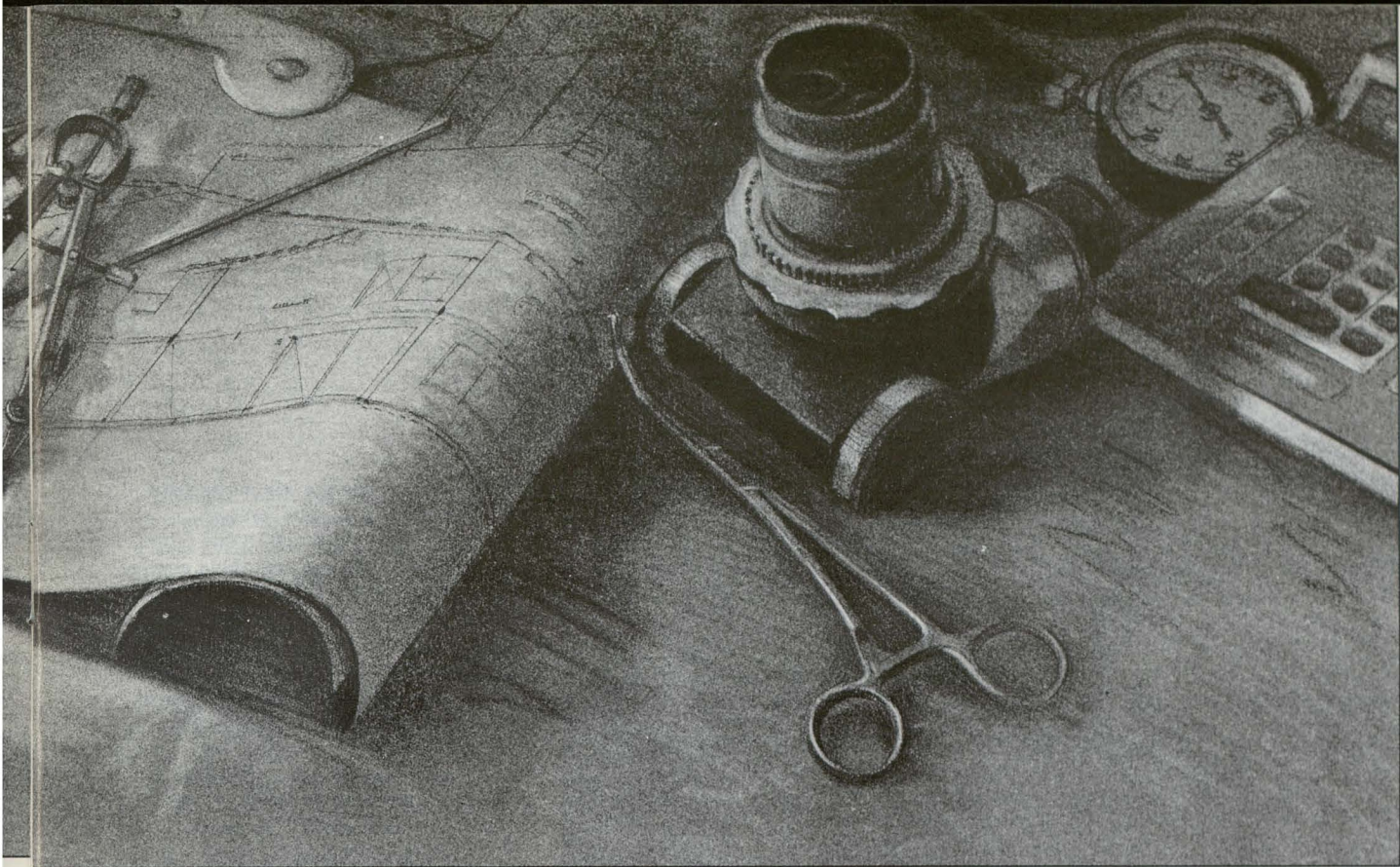
“E as vossas sementes, e as vossas vinhas dizimará,... e vós lhe servireis de criados...”

“Porém o povo não quis ouvir a voz de Samuel; e disseram: Não, mas haverá sobre nós um rei.”

“E nós também seremos como todas as outras nações.” (I Samuel 8:11-20.)

Samuel ficou muito pesaroso pela obstinação do povo, pois sabia que, se, contrariando o conselho do Senhor, persistissem em pedir um rei, isto significaria sua queda. Mas o Senhor, respeitando sempre o livre-arbítrio do homem, esteja ele certo ou errado, disse a Samuel:

“Ouve a voz do povo... pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado para eu não reinar sobre eles.”



(I Samuel 8:7.)

Como sabemos, Israel conseguiu seu rei (Saul). Em poucas gerações, o reino estava dividido, o povo foi levado cativo, Israel foi dispersa, e Judá tornou-se ditado e mote entre todas as nações.

Um segundo exemplo de como não acatar o conselho do Senhor acarreta pesar é dado pela vida de Saul. Por meio de Samuel, o Senhor instruiu Saul a destruir o gado dos amalequitas. Saul, entretanto, preferiu poupar as melhores ovelhas, vacas, animais de engorda e cordeiros. Mais tarde quando Samuel chegou, Saul saiu ao seu encontro e mentiu: “Bendito tu do Senhor; executei a palavra do Senhor.” (I Samuel 15:13.) A resposta de Samuel: “Que balido pois de ovelhas é este nos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço?” mostrou a Saul que Samuel não se deixara enganar. (I Samuel 15:14.) Possivelmente embaraçado, Saul respondeu com um pouco menos de confiança: “O povo perdoou ao melhor das ovelhas e das vacas, para as oferecer ao Senhor teu Deus; o resto, porém, temos destruído totalmente.” (I Samuel 15:15.)

Então Samuel disse francamente a Saul: “E enviou-te o Senhor a este caminho...”

“Por que, pois, não deste ouvidos à voz do Senhor?” (I Samuel 15:18-19.)

Saul sabia que havia sido desobediente ao Senhor. No entanto, tentou colocar a culpa no povo, dizendo a Samuel:

“Antes dei ouvidos à voz do Senhor...”

“Mas o povo tomou do despojo ovelhas e vacas, o melhor do interdito, para oferecer ao Senhor teu Deus.” (I Samuel 15:20-21; grifo nosso.)

Então Samuel fez a Saul uma pergunta inquisitiva, uma pergunta de igual importância em nossos dias:

“Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria.” (I Samuel 15:22-23.)

Quando resistimos ao conselho do Senhor, demonstramos teimosia e rejeição à sua diretriz inspirada.

Felizmente, o Senhor nos ama e está sempre disposto a nos ajudar a aprendermos a obter “conselho de sua mão”, se desejarmos sinceramente ser seguidores da retidão. Esta é uma das lições que aprendemos de uma conhecida experiência da vida do Profeta Joseph Smith. Diante da súplica insistente de Martin Harris, o Profeta pediu três vezes o consentimento do Senhor para Martin Harris mostrar o manuscrito de cento e dezesseis páginas da tradução do Livro de Mórmon a alguns de seus amigos. Duas vezes a resposta foi não. Finalmente foi dado o consentimento. Aproximadamente três semanas depois, o receio de Joseph Smith de que se perdessem foi confirmado

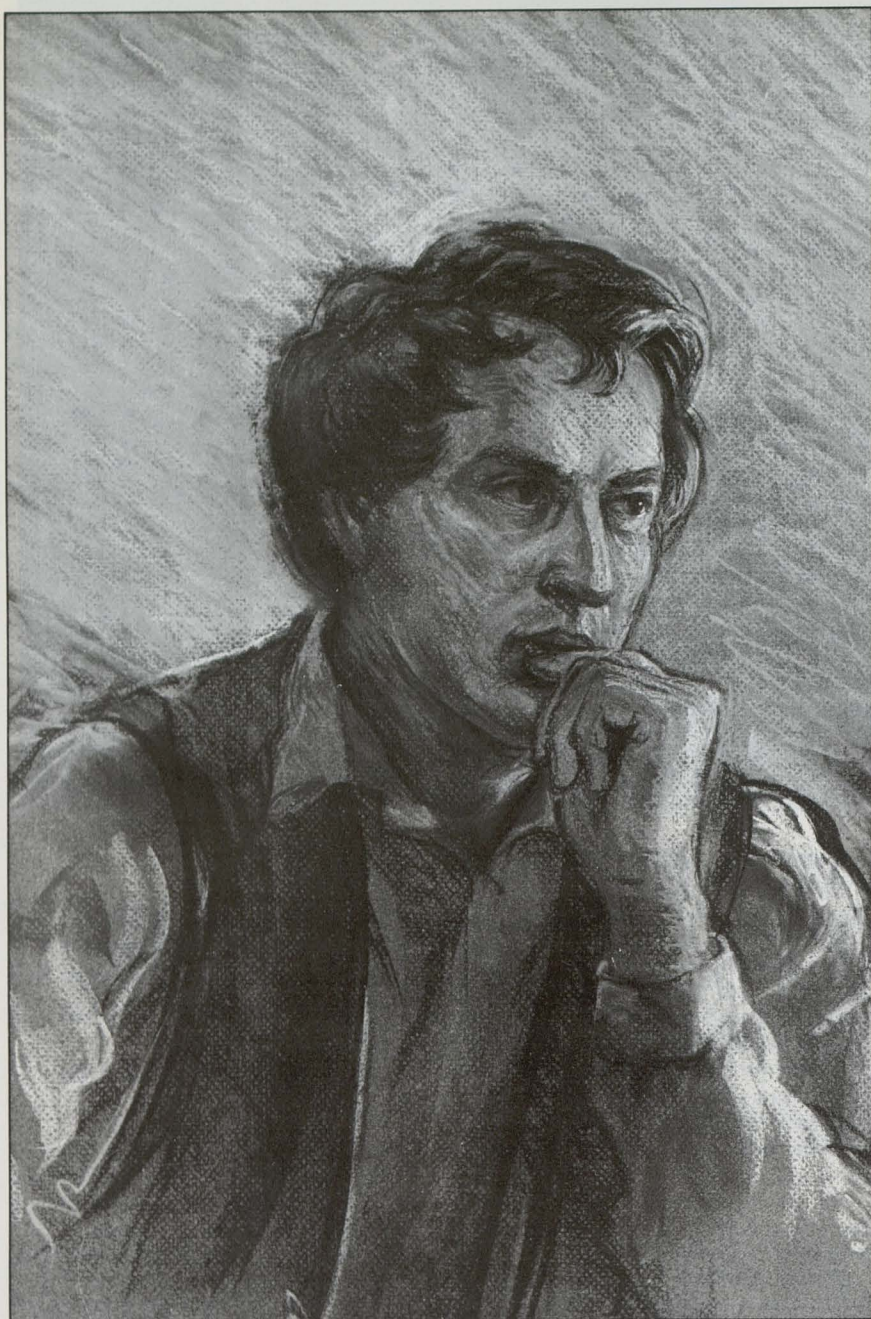
A ciência, a indústria, a profissão são tão complexas e especializadas que passamos o tempo aprendendo cada vez mais a respeito delas e negligenciamos a palavra do Senhor.

por Martin Harris, na residência dos pais do Profeta, em Palmyra, Nova York, para onde Joseph fora em grande ansiedade, a fim de descobrir a razão da demora de Martin em devolver o manuscrito. A mãe do Profeta escreveu que Joseph, Hyrum e Martin Harris estavam sentados à mesa do jantar:

“Ele (Harris) pegou a faca e o garfo como se os fosse usar, mas imediatamente os largou. Observando isso Hyrum indagou: “Martin, por que você não come? Está doente?” Ao que, o Sr. Harris apertou as têmporas com as mãos, e bradou em tom de profunda agonia: ‘Oh, minha alma está perdida! Minha alma está perdida!’

“Joseph, que até então não havia expressado seus receios, levantou-se da mesa, exclamando: ‘Martin, você perdeu aquele manuscrito? Você quebrou a palavra, trazendo condenação sobre minha cabeça bem como sobre sua própria?’

“Sim, desapareceu!” respondeu



Depois que as cento e dezesseis páginas do Livro de Mórmon foram perdidas, o Profeta Joseph Smith ficou extremamente angustiado, sabendo que havia rejeitado a orientação do Senhor.

Martin, 'E eu não sei onde...'

"'E agora', disse Joseph, 'tenho que voltar com uma história dessas? Não ousou fazê-lo. Como vou aparecer diante do

Senhor? De que reprimenda do anjo do Altíssimo não serei merecedor?'

"Tentei persuadi-lo a não se lamentar assim,..." continua sua mãe, "mas o que poderia eu fazer para confortá-lo, se ele via toda sua família no mesmo estado mental em que ele próprio se encontrava, pois soluços e gemidos, e as mais amargas lamentações enchiam a casa. No entanto, Joseph estava mais angustiado que os outros, pois entendia melhor as conseqüências da desobediência. E continuou a andar de um lado para outro, chorando e angustiado, até quase o pôr-do-sol, quando, persuadido pelos outros, alimentou-se um pouco.

"Na manhã seguinte, ele partiu para casa. Separamo-nos com corações pesarosos, pois parecia agora que tudo o que havíamos esperado com tanta alegria, e fora a fonte de tanta gratificação secreta, havia desaparecido num momento, e para sempre." (*History of the Joseph Smith by His Mother, Lucy Mack Smith*, editado por Preston Nibley, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1954, pp. 128-129.)

Por haver importunado o Senhor, pedindo o privilégio de deixar Martin Harris levar os escritos, o Urim e o Tumim foram retirados do Profeta, bem como as placas e o dom de traduzi-las.

No entanto, depois que o jovem Joseph, de vinte e dois anos, se humilhou pelo arrependimento sincero, readquiriu a posição anterior. Numa revelação a respeito desses acontecimentos, o jovem Profeta foi admoestado por ceder às "persuasões dos homens", e lhe foi dito que não deveria temer os homens mais que a Deus. Também lhe foi dada a certeza de que, se tivesse "sido fiel", o Senhor teria "estendido o braço e dado apoio (a ele) contra os dardos inflamados do adversário; e teria permanecido (com ele) em todo momento de dificuldade". (Veja D&C 3:6-8.)

O Profeta Joseph jamais esqueceu a lição fundamental dessa experiência. Tendo readquirido os favores do Senhor, continuou e completou sua missão como poderoso Profeta da Restauração. Nós, também precisamos aprender essa grande lição. Precisamos preparar-nos para ser capazes de viver de acordo com a orientação e o conselho que recebemos do Senhor por meio de seus profetas.

Aconselhando seu filho Jacó, Léhi faz uma declaração bastante desafiadora: "Todas as coisas foram feitas pela sabedoria daquele que tudo conhece." (2 Néfi 2:24.) Se a interpreto corretamente, esta afirmação significa que nossa sabedoria cresce na proporção de nosso conhecimento. Sendo assim, quão insignificante é a sabedoria dos homens, que se baseia na sua limitada experiência mortal, quando comparada com a

sabedoria de Deus, que é baseada no conhecimento de todas as coisas!

Paulo devia ter em mente esse contraste, quando pergunta aos coríntios:

“Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?”

E depois, acrescenta: “Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.” (I Coríntios 1:20, 25.)

Bem, não acho que muitos membros da Igreja se apeguem conscientemente às persuasões dos homens ou à própria opinião, em lugar de atentar para os conselhos do Senhor. No entanto, quando não nos mantemos informados a respeito de qual é o conselho do Senhor, tendemos a substituí-lo pelo nosso próprio. De fato, quando não nos preocupamos em descobrir o que o Senhor quer que façamos, não nos resta outra coisa senão seguir nosso próprio conselho.

O ambiente que nos cerca nesta vida contribui para um conhecimento incompleto do conselho do Senhor de duas maneiras, pelo menos. Primeiro, estamos na época da especialização. A ciência, a indústria, a profissão são tão complexas e especializadas, que cada um de nós sofre grandes pressões para aprender cada vez mais a respeito de seu próprio campo de atuação. Parece que de poucos se espera que tenham um conhecimento amplo e um perfeito entendimento da área completa da qual sua especialidade é apenas uma parte. Segundo, o mundo e seus problemas nos pressionam através dos meios de comunicação, da tecnologia e de nosso modo de vida, até que comemos e dormimos, descansamos e trabalhamos, viajamos e esperamos com um cronograma na mão, fazendo sempre todas as coisas o mais rápido possível; e em meio a isto tudo, achamos pouco tempo para buscar o conselho do Senhor.

O remédio é nos mantermos firmes em agir de acordo com o conselho do Senhor, e deixar que “as solenidades da eternidade

descansem em (nossa) mente”. (D&C 43:34.) Se formos obedientes ao conselho do Senhor de estudar as escrituras, as solenidades da eternidade de fato descansarão em nossa mente. Achegar-nos-emos ao Senhor em justiça nas orações. No estudo das escrituras, e nas noites familiares. Mais ainda, poderemos ser informados do conselho do Senhor referente às nossas respectivas designações em casa, na igreja e no trabalho. Pois não somos deixados como o mundo, no escuro sem orientação, sempre aprendendo mas nunca podendo chegar ao conhecimento da verdade. Sabemos com certeza onde encontrar o conselho do Senhor: (1) na palavra escrita do Senhor, as escrituras; (2) no conselho dos profetas vivos; e (3) pela inspiração pessoal e revelação a cada um, dando-nos orientação no âmbito de nossas próprias designações ou circunstâncias. Abeberando-se profusamente nessas fontes de água viva, todo membro da Igreja será abençoado. Não nos permitamos estar ocupados ou cansados demais para beber dessas águas espirituais. A força, sabedoria e inspiração provenientes delas recompensarão ricamente nossos esforços.

Que possamos seguir a fórmula usada pelos filhos de Mosiah, que começaram com os mesmos talentos básicos que cada um de nós possui: desejos justos e o chamado para dedicar-se ao serviço do Mestre. As escrituras nos contam:

“E aconteceu que, viajando Alma... encontrou-se com os filhos de Mosiah que se dirigiam à terra de Zarahemla.

“Esses filhos de Mosiah haviam estado com Alma na ocasião em que o anjo lhe apareceu pela primeira vez; portanto, Alma regozijou-se muito por encontrar seus irmãos; e o que o alegrou ainda mais foi que eles ainda eram seus irmãos no Senhor; sim, *haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de inteligência sã, e haviam examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer a palavra de Deus.*

“E não só isso; haviam-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso, tinham o espírito de profecia e de revelação, e

quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus.” (Alma 17:1-3; grifo nosso.)

Que possa ser assim com cada um de nós, e possa cada um de nós procurar não aconselhar o Senhor, mas “recebe(r) conselho de sua mão”, examinando “diligentemente as escrituras para podermos conhecer a palavra de Deus” e aplicá-la. ■

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase.

Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Tentar aconselhar o Senhor geralmente significa não dar atenção ao conselho do Senhor, seja consciente ou inconscientemente, e substituí-lo por nosso próprio conselho ou pela persuasão dos homens.

2. O ambiente que nos cerca durante a vida contribui para um conhecimento incompleto do conselho do Senhor, porque não temos uma compreensão básica de um vasto campo de conhecimento. Mais ainda, os meios de comunicação, a tecnologia e o modo de vida de nossa época nos desviam da busca do conselho do Senhor.

3. O remédio é buscar o Senhor nas orações, no estudo das escrituras, e na noite familiar para conhecer o seu conselho.

4. Sabemos, com certeza, que o conselho do Senhor é encontrado nas escrituras, no conselho dos profetas vivos e pela inspiração pessoal.

Sugestões para o Debate

1. Demonstre seus sentimentos pessoais a respeito de conhecer e seguir o conselho do Senhor. Peça aos membros da família que falem de seus sentimentos.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem?

P Á S C O A

Janene Wolsey Baadsgaard

Todos os anos, na época da Páscoa, milhões de pessoas voltam os pensamentos para a Terra Santa, onde o Salvador passou a vida na terra. Certo ano visitei a Terra Santa, com o desejo de descobrir por mim mesma o milagre da Páscoa e da Ressurreição. Encontrei muitas coisas que ajudaram, mas aprendi que não é preciso viajar pelo mundo para descobrir a Páscoa. Quando voltei, encontrei o que procurava em minha própria casa.

Alguns arqueólogos dizem que o Horto do Sepulcro é o possível local onde Jesus foi sepultado. A tradição e a Bíblia parecem concordar. Quando o Presidente Harold B. Lee visitou o local, deu o que muitos consideram como uma confirmação espiritual desse local sagrado: "Alguma coisa pareceu-nos dizer, enquanto estávamos ali", diz ele, "que esse era o local mais sagrado de todos, e imaginamos estar testemunhando o drama que ali se desenrolou". (*A Liahona*, abril de 1984, p. 40.)

O Horto do Sepulcro é um jardim calmo, longe do barulho dos mercados e lojas apinhados da Velha Jerusalém. Depois de ultrapassar a Porta de Damasco, uma das principais entradas para a Cidade Velha, atravessamos a rua e subimos por uma calçada até o jardim cercado de muros.

É um lugar de paz. As velhas árvores formam arcos sobre nossa cabeça, balançando e curvando-se na brisa da tarde. Flores de todas as cores delimitam os caminhos por onde andamos. Num ponto do jardim, existe um sepulcro escavado na rocha. Ainda são visíveis as ranhuras ou calha que serviu para rolar uma grande pedra fechando a entrada. Este é um dos lugares mais aprazíveis em Israel.

Mas, quando subi uma colina nos fundos do jardim e olhei em direção ao Gólgota, ou "lugar chamado caveira" (veja João 19:17), onde se diz que Jesus foi crucificado, ouvi o barulho do tráfego intenso e gritos nervosos de motoristas de ônibus, e senti no ar o cheiro da fumaça dos escapamentos. O contraste abrupto foi decepcionante.

Voltei para o jardim e sentei-me num banco para pensar. O sol, começando a se pôr no horizonte, brilhava e cintilava

entre as árvores e as folhas caídas no jardim.

Comecei a perceber o que estava acontecendo à minha volta. As folhas que estavam caindo no chão, apodreceriam e se tornariam parte da terra, da qual surgiria nova vida na primavera seguinte. Chegaria o inverno, deixando os ramos das árvores escuros e sem folhas. Mas depois viria a primavera, e pequenos brotos de folhas apareceriam novamente.

Percebi que o ciclo de vida neste jardim era um círculo eterno. As estações traziam mudanças, mas cada estação era parte de um plano de viver e morrer e viver novamente. E naquele momento senti que eu também fazia parte do mesmo plano.

Embora o sol se estivesse pondo, sabia que, na manhã seguinte, eu veria o início de um novo dia: o sol voltaria a nascer no horizonte, transformando a escuridão da noite em luz do dia.

Percebi de repente que, estivesse eu no Horto do Sepulcro, em Israel, ou em minha própria casa apreciando o pôr-do-sol ou observando as folhas caírem das árvores em qualquer lugar, o milagre da Páscoa estava acontecendo em toda parte, à minha volta, e dentro de mim todos os dias. A terra inteira, na realidade, é terra santa, uma testemunha da Ressurreição.

Ao sair do Horto do Sepulcro naquela noite eu sabia, como se deram conta tantos que visitaram Israel, que o lugar em si não proporciona nem impede uma experiência espiritual. Ali não se sentem automaticamente experiências sagradas; na realidade, elas podem ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento, se formos receptivos. Por esta razão, minha família pode sentir o significado da Páscoa de maneira tão profunda em casa, quanto alguém que tenha o privilégio de passar a manhã da Páscoa sentado calmamente num banco daquele jardim sagrado.

Não preciso voltar a Israel para sentir a importância do que lá aconteceu. Os milagres da Páscoa são evidentes à nossa volta todos os dias e, mais maravilhosamente ainda, dentro de nós mesmos. ■

Janene Wolsey Baadsgaard, mãe de cinco filhos, é membro da Ala Spanish Fork, Utah.





Ilustrado por Jerry Thompson



A CONTÍNUA BUSCA DA VERDADE

Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos a responsabilidade de cumprir o mandamento de estudar e aprender. O Senhor disse: “Nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé.” (D&C 88:118.)

Posteriormente, o Senhor deixou claro que a busca da verdade deve ser ilimitada, que devemos ser versados “tanto nas coisas dos céus como da terra, e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão; coisas daqui, e de além-mar; quanto às guerras e perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sobre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos”. (D&C 88:79.)

O Senhor nos deu a designação de crescer constantemente em direção à eternidade! Nenhum de nós deve supor que aprendeu o suficiente. Quando a porta se fecha sobre uma fase da vida, abre-se para outra, na qual temos que continuar a obter mais conhecimento.

A busca da verdade deve ser incessante, deve incluir tanto a verdade espiritual e religiosa, como também o conhecimento terreno.

E, à medida que crescemos e progredimos, que possamos procurar aquilo que é bom, belo e positivo.

Tento ler dois ou três jornais por dia. Às vezes leio as colunas escritas pelos responsáveis pelos editoriais. Ocasionalmente ouço comentaristas na televisão e no rádio. Esses comentaristas são brilhantes. São homens que se expressam muito bem e mestres na palavra escrita. Contudo, na maioria das vezes, descubro que, não importa a respeito de quem escrevam, parecem procurar falhas e fraquezas. Estão constantemente criticando, raramente elogiando.

Essa tendência não se limita aos comentaristas de jornais, rádio ou televisão. Algumas das cartas dirigidas aos jornais estão cheias de hostilidade, escritas por gente que parece não encontrar nada

de bom no mundo ou nas pessoas com quem convivem. Criticar, encontrar erros, falar mal, esses são os sentimentos de nossa época. Dizem-nos que em nenhum lugar existe um homem íntegro exercendo um cargo político. Os homens de negócio, dizem muitos, são trapaceiros. Afirma-se que as empresas públicas tencionam roubar-nos com custos exagerados. Em toda parte, ouvem-se observações insultuosas, comentários sarcásticos, ataques verbais à reputação de outras pessoas. Infelizmente, essas coisas são freqüentemente a base de nossa conversa. Nos lares, a esposa chora e as crianças se abatem emocionalmente sob os ataques dos maridos e pais. A crítica é a semente do divórcio, e provoca a rebelião na juventude. Às vezes, chega a destruir a autovalorização do indivíduo. Na Igreja, espalha a semente da inatividade e, por fim, a apostasia.

Estou pedindo que paremos de procurar as tempestades e os problemas da vida, e apreciemos melhor a luz do sol. Estou sugerindo que, ao passarmos pela vida, nos concentremos no positivo. Estou pedindo que nos empenhemos um pouco mais na busca das coisas boas, que silenciemos os insultos e sarcasmo, que elogiemos mais generosamente a virtude e o esforço. Não estou pedindo que caemos toda a crítica. O crescimento vem com a correção. A força vem do arrependimento. Sábio é o homem que consegue reconhecer os erros apontados por outras pessoas e mudar seu curso de ação.

O que estou sugerindo é que todos nos afastemos do negativismo que campeia na sociedade e procuremos aquilo que for notadamente bom naqueles com quem convivemos, que falemos mais das virtudes uns dos outros do que falamos das falhas alheias, que o otimismo substitua o pessimismo, que a fé exceda os receios. Quando eu era jovem e inclinado a falar criticamente a respeito das pessoas ou acontecimentos, meu pai dizia: “Os pessimistas não contribuem, os

descrentes não criam, os que duvidam não alcançam.”

Olhar o lado escuro das coisas sempre conduz ao pessimismo que tantas vezes leva à derrota. Se já existiu um homem que deu coragem a um país num momento de mais profunda aflição, foi o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill. Foi durante a II Guerra Mundial. Bombas estavam caindo sobre Londres, na Inglaterra. As tropas nazistas haviam conquistado a Áustria, Tchecoslováquia, França, Bélgica, Holanda, Noruega, e estavam-se dirigindo para a Rússia. A maior parte da Europa se achava sob o domínio da força tirânica, e a Inglaterra seria a próxima vítima. Nessa hora de perigo, quando fraquejava o coração de muitas pessoas, Churchill disse:

“Não falemos de dias piores; falemos antes de dias mais duros. Estes não são dias negros, são grandes dias — os dias mais importantes que nosso país já viveu; e devemos agradecer a Deus por nos ter sido permitido, a cada um de nós de acordo com sua posição na vida, participar do processo de tornar esses dias memoráveis na história de nossa raça.” (Discurso na Harrow School, Inglaterra, em 29 de outubro de 1941.)

Um ano antes, após o terrível desastre militar em Dunquerque, na França, quando os britânicos tentaram invadir a Europa e rechaçar o inimigo, muitos vaticinaram o fim da Grã-Bretanha. Mas, naquela hora solene, esse homem notável, Churchill, disse, e eu o ouvi dizer essas palavras que foram transmitidas ao mundo: “Não vamos enfraquecer nem falhar... vamos lutar na França, vamos lutar nos mares e oceanos, vamos lutar com crescente confiança e mais força no ar, vamos defender nossa ilha, seja qual for o custo, vamos lutar nas praias, vamos lutar em terra firme, vamos lutar nos campos e nas ruas, vamos lutar nas colinas. Nunca nos renderemos!” (Discurso no Parlamento Britânico, Londres, Inglaterra, 4 de junho de 1940.)

Foi esse tipo de discurso que

vislumbrava a vitória distante através das nuvens negras da guerra, e não a busca crítica de falhas dos pessimistas, que preservou o povo britânico e salvou a nação da catástrofe.

Tenho poucas dúvidas de que muitos estão atormentados por temores a respeito de si próprios. Estamos num período de tensão em todo o mundo. Ocasionalmente haverá dias difíceis para nós. Não vos desesperéis. Não desistais. Procurai a luz do sol por entre as nuvens. Acabareis encontrando oportunidades. Não permitais que vaticínios pessimistas coloquem em perigo vossas possibilidades.

Este conselho nos diz respeito como membros da Igreja do Senhor. Parece que temos uma multidão de críticos, alguns aparentemente decididos a nos destruir. Eles zombam daquilo que é sagrado. Desacreditam no que chamamos de divino. Alguns críticos disseram que estamos presos aos erros em nossa história, outros trabalharam com grande diligência, procurando falhas nos primeiros líderes de nossa Igreja. Somos acusados de nos opormos à razão e ao pensamento racional.

São acusações sérias contra uma Igreja que ensina que “a glória de Deus é inteligência, ou em outras palavras, luz e verdade”. (D&C 93:36.) São acusações sérias contra uma Igreja que, a cada ano, gasta muito de seus próprios recursos financeiros na educação de sua juventude. Aqueles que nos criticam, esqueceram-se da glória e maravilha desta obra. Achar-se tão ocupados em procurar faltas em nós, que não vêem a grandeza da obra do Senhor. Esqueceram-se da centelha espiritual que foi acesa em Palmyra, Nova York, e que agora acende fogueiras de fé por toda a terra, em muitos países e numerosas línguas. Seguindo a filosofia do humanismo, que não reconhece a necessidade de intervenção divina, não conseguem perceber que a influência do Espírito Santo teve tanto a ver com as ações de nossos ancestrais como os processos da mente. Não conseguiram perceber que a religião se acha tão ligada ao coração quanto ao intelecto.

O poeta e filósofo norte-americano George Santayana disse certa vez:

*Oh, mundo, não escolheste a melhor parte!
Sabedoria não significa apenas ser sábio,
E fechar os olhos à visão interior,
Mas é sabedoria acreditar no coração.*

Da grande quantidade de informações, nossos críticos parecem selecionar e escrever a respeito de assuntos que humilham e depreciam alguns homens e mulheres do passado que, com tanto afincamento, trabalharam para estabelecer o alicerce dessa grande causa. Os leitores dessas matérias parecem gostar de ler apenas coisas desfavoráveis; e ao fazê-lo, estão saboreando meras migalhas, em vez de comer uma refeição fina e satisfatória de muitos pratos.

Meu apelo é que continuemos a procurar a verdade, particularmente nós da Igreja, que procuremos a força e excelência, e não fraquezas e falhas naqueles que fizeram um trabalho tão extraordinário em sua época.

Reconhecemos que nossos antepassados eram humanos. Sem dúvida, cometeram erros. Alguns deles reconheceram haver errado. Mas os erros foram mínimos, quando comparados ao trabalho maravilhoso que realizaram. Enfatizar os erros e esconder o bem maior é dar uma visão distorcida das coisas. As caricaturas são divertidas, mas freqüentemente feias e desonestas. Um homem pode ter uma verruga na face e, mesmo assim, ter um rosto belo e forte; mas, se a verruga for demasiadamente enfatizada em comparação aos outros traços, faltará integridade ao retrato.

Na terra só viveu um homem perfeito. O Senhor tem usado pessoas imperfeitas no processo de formação de sua sociedade perfeita. Se algumas delas ocasionalmente tropeçam ou se seu caráter é ligeiramente falho de uma forma ou outra, é mais maravilhoso ainda que tenham realizado tanto.

Menciono essas coisas na esperança de que adquiramos a atitude de procurar elementos positivos que levem ao crescimento e entusiasmo. Não somos enganados pela nossa história. Essa história contém o alicerce desta obra. Ela relata com pormenores as circunstâncias e os acontecimentos ligados à restauração do Evangelho de Jesus Cristo. Se o

quadro nem sempre é perfeito ou se existem várias versões um pouco divergentes sobre certos fatos, a honestidade intelectual indicará que não há nada de novo nisso. Por exemplo, o Novo Testamento inclui quatro evangelhos. O espírito de todos é um só, mas os vários autores fizeram determinadas escolhas daquilo que queriam enfatizar, e é apenas lendo-os todos e harmonizando-os, que conseguimos o retrato mais completo do Filho de Deus que palmilhou os caminhos da Palestina.

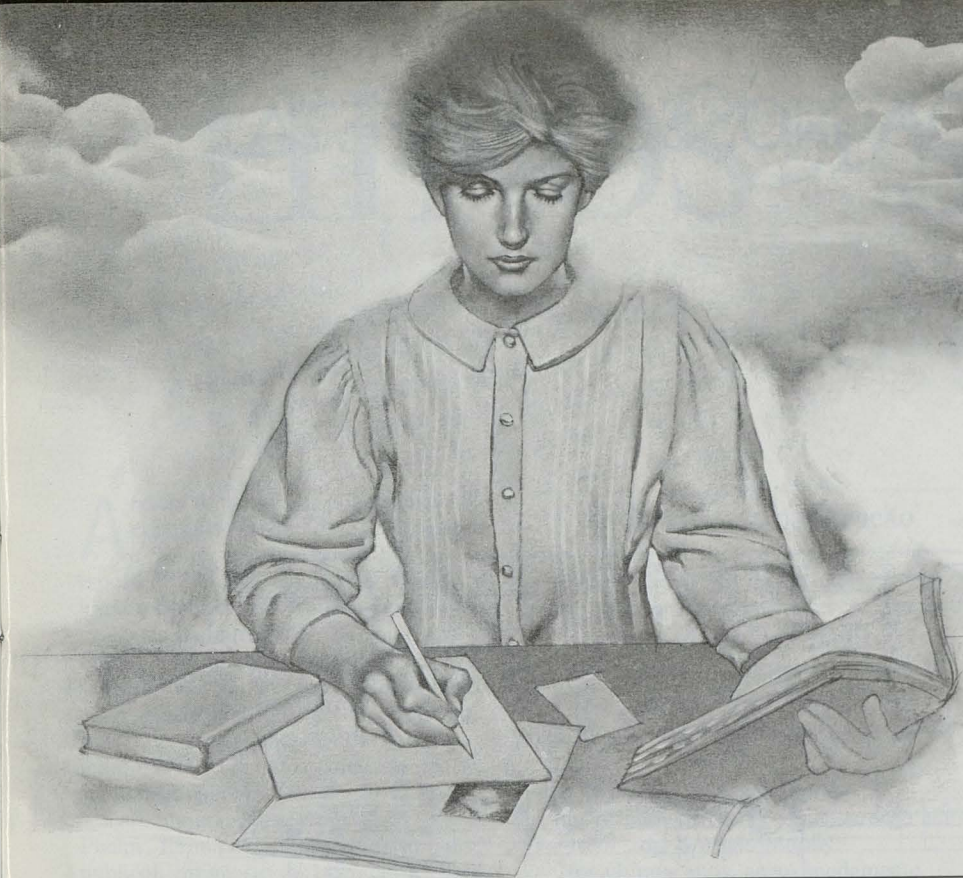
Não temo a verdade. Recebo-a com prazer. Mas gostaria de que todos os fatos estivessem em seu contexto apropriado, com ênfase nos elementos que expliquem o grande crescimento e poder desta organização. Senti a necessidade de dizer estas coisas, porque há hoje aqueles que enfatizam os aspectos negativos e parecem esquecer-se inteiramente da grande inspiração desta obra.

Isto me leva a dizer algumas palavras a respeito do intelectualismo. Um erudito, certa vez, expressou a opinião de que a Igreja é inimiga do intelectualismo. Se ele se referiu a intelectualismo como aquele ramo da filosofia que ensina “a doutrina de que o conhecimento é total ou principalmente derivado da razão pura”, e “que a razão é o princípio último da realidade”, então sim, opomo-nos a uma interpretação tão estreita como aplicável à religião. (Citações do *Random House Dictionary of the English Language*, p. 738.) Tal interpretação exclui o poder do Espírito Santo de falar aos homens e através deles.

Certamente acreditamos no desenvolvimento da mente, mas o intelecto não é a única fonte de conhecimento. Há uma promessa, dada por inspiração do Todo-Poderoso, relatada nestas belas palavras: “Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento do que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora.” (D&C 121:26.)

Os humanistas que criticam a obra do Senhor, os assim chamados intelectualistas que a degradam, falam apenas pela

Ilustração por Gary Henrie



“Nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé.” (D&C 88:118.)

ignorância da manifestação espiritual. Eles não ouviram a voz do Espírito. Não a ouviram, porque não a procuraram, nem se prepararam para ser dignos dela. Então, supondo que o conhecimento vem apenas do raciocínio e do esforço mental, negam aquilo que vem pelo poder do Espírito Santo.

As coisas de Deus são entendidas pelo Espírito de Deus. Este Espírito é real. Para aqueles que já o sentiram operar, o conhecimento assim obtido é tão real, quanto o adquirido pela operação dos cinco sentidos. Eu o testifico. E confio em que muitos membros da Igreja possam testificar da mesma forma. Admoesto-vos a continuar mantendo o coração em sintonia com o Espírito. Se assim fizermos, nossa vida será enriquecida, e sentiremos afinidade com Deus, nosso Pai Eterno. Provaremos a doçura de uma alegria que não pode ser obtida de outra maneira.

Não nos deixemos enganar pelos argumentos ilusórios do mundo, que em grande parte são negativos e tão freqüentemente produzem frutos amargos. Caminhemos com fé no futuro, falando com otimismo e tendo uma atitude de confiança. Ao fazermos isso, nossa força dará força a outras pessoas.

Certa vez, quando o Salvador andava em meio à multidão, uma mulher que havia muito estava doente, tocou-lhe na roupa. Ela percebeu que energia havia saído dele. A força que estava nele a

fortaleceu. Da mesma forma pode acontecer a cada um de nós.

Disse o Senhor a Pedro:

“Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;

“Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31-32.)

Não participemos do espírito negativo tão generalizado em nossa época. Há tantas coisas doces, decentes e belas em que nos basear. Somos participantes do Evangelho de Jesus Cristo. Evangelho significa “boas novas”! A mensagem do Senhor é de esperança e salvação! A voz do Senhor é uma voz de boas-novas! A obra do Senhor é de gloriosa realização!

Num momento tenebroso e tumultuado, o Senhor disse àqueles que amava: “Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (João 14:27.)

Estas grandes palavras de confiança são um farol para cada um de nós. Nele podemos de fato ter confiança. Pois ele e suas promessas nunca falham. ■

(Esta é uma versão resumida de um discurso proferido pelo Presidente Hinckley, na cerimônia de colação de grau no Campus da Universidade Brigham Young — Havaí, em junho de 1983.)

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase:

Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de Mestre Familiar:

1. A busca da verdade deve ser

incessante, da verdade espiritual e religiosa, bem como do conhecimento do mundo.

2. Ao buscarmos a verdade, devemos procurar as coisas boas, belas e positivas.

3. Os críticos menosprezam e subestimam alguns homens e mulheres do passado. Devemos procurar força e virtude, e não fraquezas e falhas naqueles que fizeram a obra em seu tempo.

4. Muitos de nós somos atormentados por receios referentes ao nosso próprio futuro. Não desistam. Não deixem que vaticínios pessimistas ponham em perigo suas possibilidades.

5. Acreditamos no desenvolvimento da mente, mas o intelecto não é a única fonte de conhecimento: “Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora.” (D&C 121:26.)

Sugestões para Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito de buscar a verdade e ter uma perspectiva positiva. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa antes da visita?

ABENÇOA NOSSO PROFETA

Fervorosamente ♩ = 76-96

1. O' Pai Ce - les - ti - al, Nos - so pro - fe - ta vem
 2. Dá - lhe vi - gor e fê Pa - ra po - der cum - prir
 3. Que nós teu po - vo en - fim, U - nos de co - ra - ção

A - ben - ço - ar Dá - lhe sa - ú - de, ó Deus, For - ça e dis -
 Su - a mis - são Teu Rei - no ex - pan - dir, Teus fi - lhos
 Pos - sa - mos ser Que com mai - or a - mor, Fir - me - za e

po - si - ção, Seu no - bre co - ra - ção Vem con - so - lar.
 re - u - nir, A to - dos di - ri - gir Pa - ra Si - ão.
 des - te - mor, Sai - ba - mos ao Se - nhor O - be - de - cer.

Letra: Bernard Snow, 1822-1894
 Música: Harry A. Dean, b. 1892. © 1985 LDS

Doutrina e Convênios 107:22
 3 Néfi 19:23

HINOS DE SIÃO

A Igreja tinha apenas poucos meses de existência, em julho de 1830, quando o Senhor instruiu Emma Smith, esposa do Profeta, a compilar o primeiro hinário SUD. Só esse fato já é uma evidência da importância dos hinos na Igreja. Mas o Senhor continuou a salientar essa importância: “Pois a minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a mim, e será respondida com uma bênção sobre suas cabeças.” (D&C 25:12.)

Com a ajuda capaz de William W. Phelps, Emma compilou o hinário e o publicou em agosto de 1835, em Kirtland, Ohio. O prefácio dele afirma: “Esperamos sinceramente que a coletânea a seguir, escolhida com os olhos fitos somente na sua glória, possa atender a todos os propósitos, até que mais hinos sejam compostos, ou até que sejamos abençoados com uma variedade maior de cânticos de Sião.”

Nos cento e cinquenta anos que se seguiram à publicação desse primeiro hinário SUD, “uma variedade maior de cânticos de Sião” foram compostos e se incorporaram à literatura musical dos santos. Muitos deles se tornaram padrões queridos e são cantados e amados pelos santos de todas as nacionalidades.

“Historicamente, muitos dos hinos queridos foram escritos por leigos no assunto, que aproveitaram suas experiências cotidianas para compor hinos que falassem de perto as pessoas”, diz Michael F. Moody, encarregado do Comitê Geral de Música da Igreja. Por ser a revelação um processo contínuo na Igreja viva do Senhor, o fruto da revelação — o testemunho — nasce a cada geração subsequente. Cada geração descobre que deve viver os princípios do evangelho em suas próprias condições. E em cada geração existem pessoas inspiradas a expressar testemunho e discernimento espiritual em música e verso.

“Os hinos são funcionais por natureza, e atendem às necessidades imediatas das pessoas. Com o passar dos anos, alguns deles precisam de mudança. Um bom hino

Anunciando a publicação

de uma série de

novos hinos nas páginas

de *A LIAHONA*.

fala às pessoas de sua geração — e os grandes hinos permanecem de geração em geração”, diz o Irmão Moody.

Nos últimos anos, aproximadamente seis mil hinos foram apresentados por membros da Igreja. “Um grande amor ao evangelho é expresso nos hinos apresentados”, continua o Irmão Moody. “Atrás de cada hino, existe um ser que sentiu inspiração para criá-lo.”

Desses novos hinos apresentados, alguns foram aprovados para inclusão numa nova edição do hinário em inglês. De interesse particular são alguns hinos novos com letra escrita por Autoridades Gerais. O Presidente Gordon B. Hinckley, da Primeira Presidência, compôs a letra de “Meu Redentor Vive”, musicada pelo Élder G. Homer Durham, membro já falecido da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. O falecido Élder Bruce R. McConkie, do Quorum dos Doze, escreveu “Creio em Cristo”. Ambos os hinos serão publicados em *A LIAHONA*, em 1986.

Por ser nossa congregação constituída de crianças assim como de adultos, hinos compostos especialmente para crianças — “Sou Um Filho de Deus”, por exemplo — estão também incluídos no novo hinário. Marvin Gardner, do Comitê de Música, diz que, “como pai de jovencinhos, acho que cantar canções e hinos que as crianças conhecem, ajudá-los-á a se sentirem mais integrados na congregação. E os preferidos pelas crianças geralmente são queridos pelos adultos também”.

A nova coletânea reflete também o caráter internacional da Igreja, com a inclusão de melodias da Alemanha,

Finlândia, Suécia, Países-Baixos, Inglaterra e Irlanda. Além disso, alguns dos hinos SUD mais conhecidos receberam um arranjo musical simplificado, a fim de facilitar sua versão para outros idiomas.

Somos gratos em poder colocar esses novos hinos à disposição em *A LIAHONA*. Nas palavras da Primeira Presidência: “A música inspiradora é uma parte essencial de nossas reuniões na Igreja. Os hinos atraem o Espírito do Senhor, criam um sentimento de reverência, unem os membros, e são um modo de oferecermos louvores ao Senhor.

“Alguns dos maiores sermões são pregados cantando hinos. Os hinos nos induzem ao arrependimento e às boas obras, edificam o testemunho e a fé, confortam os deprimidos, consolam os que choram, e nos inspiram a perseverar até o fim ...

“Irmãos e irmãs, usemos os hinos a fim de atrair o Espírito do Senhor para nossas congregações, nosso lar e nossa vida particular. Vamos memorizá-los e ponderá-los, recitá-los e cantá-los, e participar de seu alimento espiritual. Sabei que o canto dos justos é uma prece ao Pai Celestial e ‘será respondida com uma bênção sobre (vossas) cabeças’.” ■

JOSÉ, EXEMPLO DE EXCELÊNCIA

Arthur R. Bassett

As crianças sempre me fascinaram. Elas são a combinação física, mental e emocional de duas pessoas diferentes, a combinação do pai e da mãe numa só carne. Mais ainda, a maneira como as crianças adquirem as características dos pais me intriga — seu modo de falar, gestos, sorriso, atitudes, consciência dos modismos e assim por diante.

Por esta razão, a genealogia também me intriga. Às vezes fico imaginando quanto de meus ancestrais ainda carrego em mim, quanto de meus maneirismos, atributos físicos e de caráter eu poderia buscar no passado, em minhas raízes genealógicas. Como seria fascinante ter um retrato escrito e visual de cada um de nossos antepassados para nos compararmos!

Infelizmente, tais registros não se encontram à nossa disposição, e nossa concepção de todos os nossos antepassados é imperfeita. Surpreendentemente, algumas das melhores informações genealógicas que temos dizem respeito à nossa linhagem mais remota.

Algumas vezes nos esquecemos de que, ao ler a primeira parte da Bíblia, muitos de nós estamos lendo a história de nossa própria família, e de que temos um relacionamento muito especial com essas pessoas.

Poucos pensariam em considerar o Iraque como país de origem; no entanto, é lá que nosso pai Abraão nasceu e foi criado até o início da maturidade. A Síria continua a ser um país estrangeiro na idéia de muitos de nós e, no entanto, nossas avós Rebeca e Raquel nasceram lá, assim como nosso avô José. E embora nosso ancestral José tenha tomado Israel como sua terra natal, sua esposa, nossa avó Asenate, não era apenas egípcia, mas também filha de um sacerdote egípcio. Efraim e Manassés, então, eram ambos meio egípcios. Através de nossas raízes genealógicas, muitos de nós somos cidadãos do mundo, e qualquer coisa que nele aconteça freqüentemente afeta

aqueles que são nossos primos distantes.

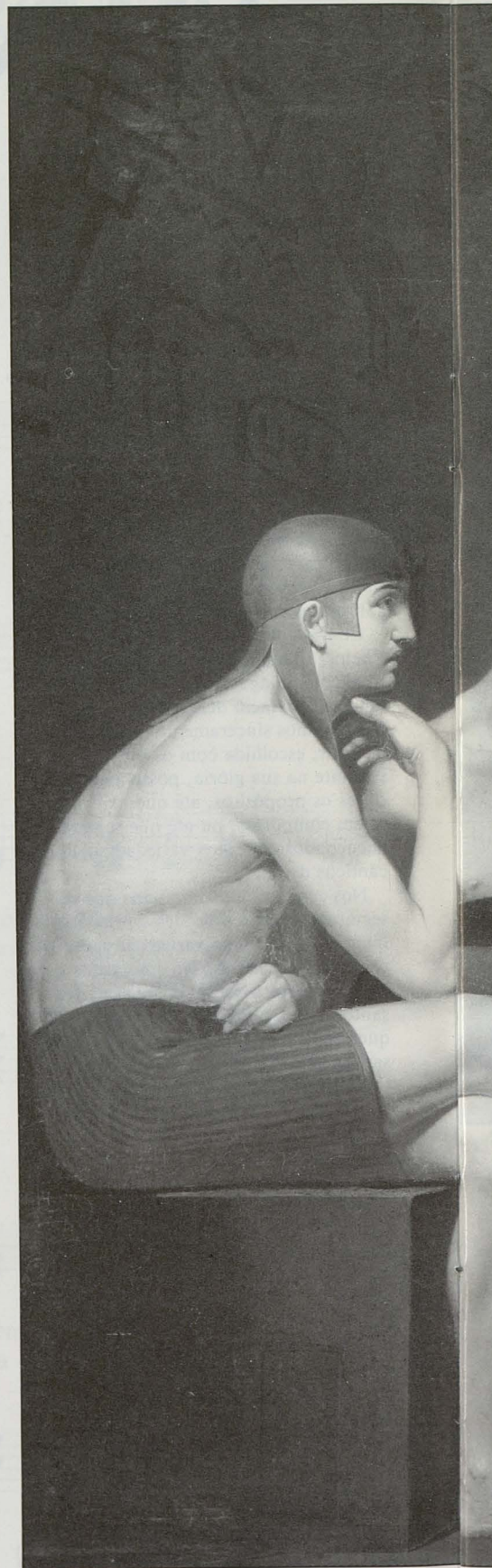
Embora separados por uma lacuna sem registros desses primeiros ancestrais, podemos encontrar exemplos dignos de imitação. José, cujo nome (ou o de um de seus filhos, Efraim e Manassés) aparece em centenas de milhares de bênçãos patriarcais, é um bom exemplo disso. Se adotássemos seu modo de viver, não apenas seríamos excelentes cidadãos deste mundo, como também nos tornaríamos candidatos à vida celestial no mundo vindouro.

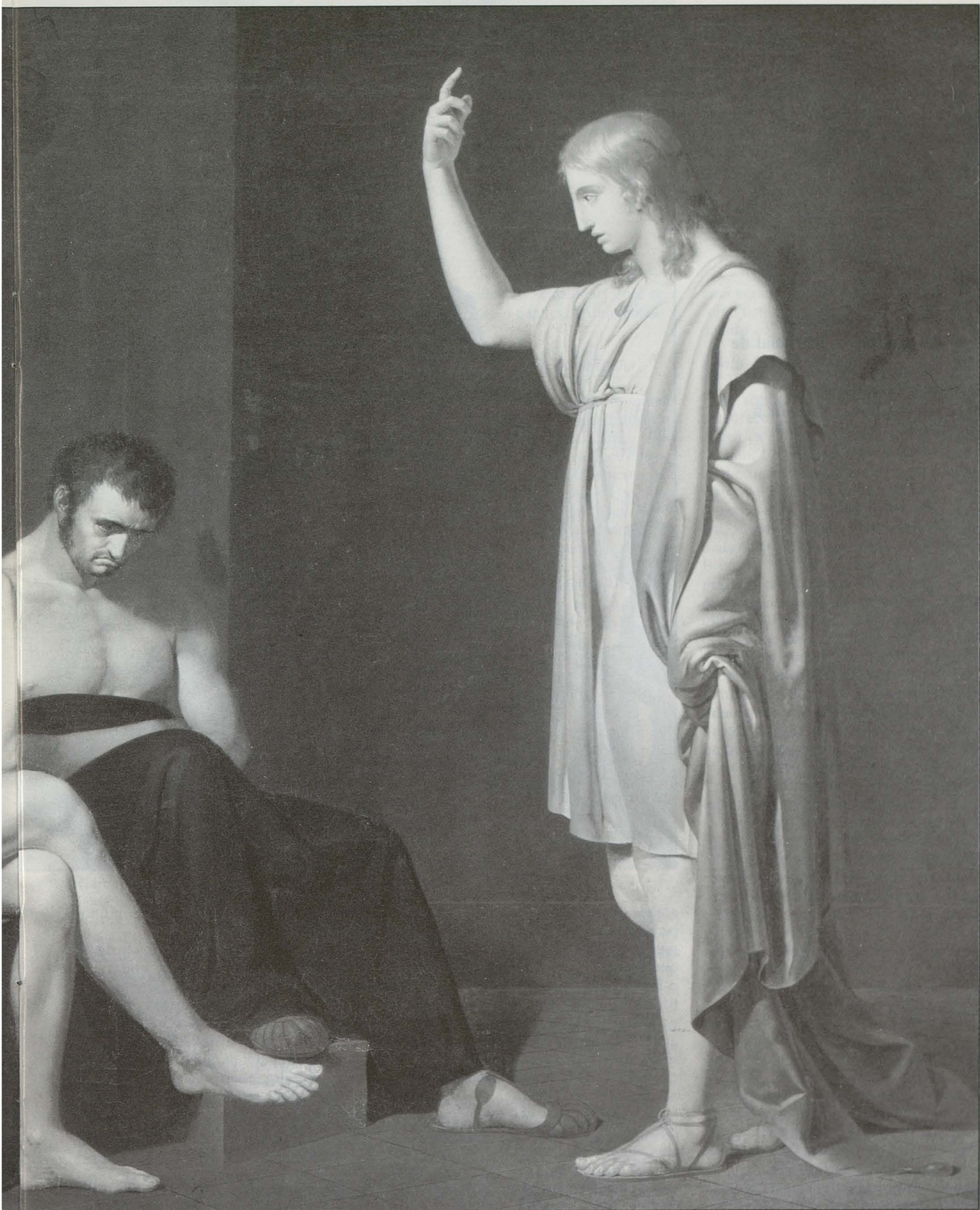
O Primogênito de Jacó e Raquel

Para seu pai, Jacó, José era a lembrança viva de uma das maiores histórias de amor de todos os tempos. Poucos, como José, poderiam pretender ter um pai que trabalhou quatorze anos pela mão de sua mãe. Tão intenso era o amor de Jacó a Raquel, que diz Moisés, em relação aos sete primeiros anos: “E foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava.” (Gênesis 29:20.)

Após o casamento, Raquel teve dificuldades para gerar um filho, fato que a afligia profundamente. Sua irmã, Léia, gerou seis filhos e uma filha antes de Raquel ser abençoada com seu primogênito, José. Uma terceira esposa, Bila, e uma quarta, Zilpa, acrescentaram mais dois filhos à posteridade de Jacó antes do nascimento de José.

Nessa época, Jacó tinha quase noventa anos de idade, quase a mesma idade de seu avô, Abraão, quando Sara gerou o pai de Jacó, Isaque. Ele e Raquel haviam esperado muito por esse filho e dedicavam um amor especial a José. Mas, poucos anos depois desse nascimento, Raquel viria a morrer em outra terra, ao dar à luz seu segundo filho, Benjamim. Dezesete anos depois, Jacó viria a perder José como escravo no Egito, achando que ele estava morto; e foi somente quase um quarto de século depois disso, que Jacó voltou a ver José, agora em plena maturidade e o segundo em autoridade no





José Interpreta os Sonhos do Padeiro e do Copeiro de François Gerard

Muitos reconheceram imediatamente o potencial de liderança de José. O Faraó lhe deu autoridade de comando apenas inferior à dele.

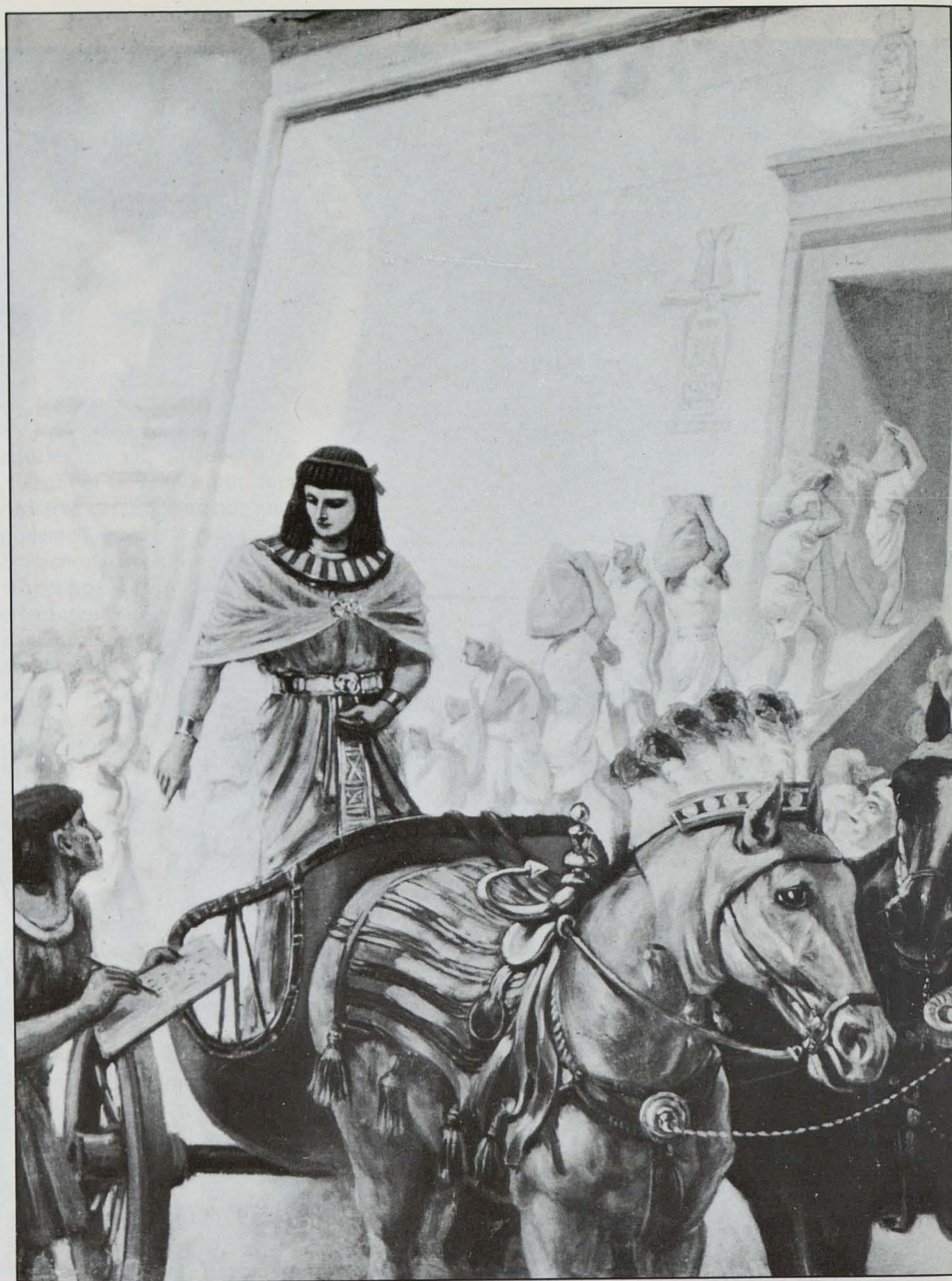
Egito, após o Faraó. Trinta anos depois dessa reunião, o próprio Jacó viria a morrer e ser levado de volta à sua terra para o sepultamento.

Seria interessante saber quanto José se lembrava dos primeiros dezessete anos de sua vida. É duvidoso que se lembrasse de muita coisa a respeito do local de seu nascimento, Harã, pois pouco depois de ele nascer, Jacó levou a família de volta para sua terra natal, a terra que agora leva seu nome, Israel. Quanto, se é que se lembrava de alguma coisa, poderia José lembrar-se da dramática partida de seu pai da casa de seu avô, Labão, ou da preocupação paterna no reencontro com seu tio, Esaú, após vinte anos de separação, ocorrida quando Jacó fugira para salvar a vida da ira de Esaú?

É duvidoso que José se lembrasse de muita coisa, pois, provavelmente, era um bebê durante boa parte desse tempo. No entanto, seria bom nos lembrarmos de que José foi uma parte importante em todas essas experiências, aos olhos de seus pais. Esse rapaz, favorecido pelo Senhor, era também grandemente favorecido por seu pai, especialmente após a morte da mãe.

Afinidade com Moisés

A Moisés, que viveu dois séculos mais tarde, José deve ter causado outro tipo de fascinação. Talvez Moisés também estivesse interessado nas características de seu famoso parente. Sem dúvida, imaginava como era José, enquanto os israelitas carregavam seu corpo num



ataúde durante os quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Quais seriam seus pensamentos em relação ao homem que salvara os israelitas, levando-os para o Egito, assim como Moisés iria salvá-los, tirando-os de lá? Ambos haviam ocupado posições de grande poder nessa nação; ambos haviam sofrido nas mãos de seus irmãos. Ambos eram administradores capazes; ambos eram grandemente abençoados pelo Senhor.

De onde Moisés havia recebido as informações a respeito de José? Quanto ele sabia de José, enquanto trabalhava no Torah? Foi-lhe dado por revelação, assim como parte de seu registro seria mais tarde dado a um outro José? Ou acaso

dispunha de registros ditados pelo próprio José tantos anos antes?

De especial interesse para Moisés devem ter sido as profecias de José contidas agora no último capítulo de Gênesis, conforme a tradução de Joseph Smith. O que não deve ter sentido ao ler pela primeira vez as palavras: "Pois um vidente levantarei para livrar meu povo da terra do Egito; e será chamado Moisés. E por esse nome será conhecido como membro de tua casa; pois será criado pelo filho do Rei, e será chamado seu filho." (Tradução de Joseph Smith, Gênesis 50:29.)

José profetizou ainda que Moisés, com uma vara na mão, golpearia as águas do

Mar Vermelho para tirar os filhos de Israel do cativeiro. O irmão de Moisés, Aarão, seria seu porta-voz para transmitir a lei de Deus aos israelitas. Seria interessante saber se Moisés leu essas profecias antes ou depois de elas se cumprirem. Se foi antes, teriam afetado seu plano de ação?

Também contida nas informações dadas a Moisés, havia uma profecia de José concernente a um registro a ser escrito por sua posteridade, depois que um ramo deles fosse separado do corpo principal dos israelitas. Essa profecia falava de um outro José — com o mesmo nome de seu pai — que seria escolhido como vidente na Israel dos últimos dias. Essas profecias também estão contidas no Livro de Mórmon, um registro da posteridade de José, traduzido por esse outro José, o Profeta Joseph Smith Jr. (ver 2 Néfi 3). O interesse dos nefitas pelo antigo José transparece no comentário de Léhi a respeito de suas profecias: “E poucas profecias há maiores do que as que ele escreveu. Ele profetizou sobre nós e nossas futuras gerações, e isto está escrito nas placas de latão.” (2 Néfi 4:2.)

Aparentemente, então, as placas de Labão continham um registro do povo de José. Elas traçavam a linhagem de Léhi até José. Continham informações referentes a profetas como Zeniff e Zenoque, que também eram descendentes de José, mas não são mencionados na Bíblia. Elas também registram informações a respeito de José que não se encontram em outras fontes. Morôni, por exemplo, refere-se à túnica de José, que seus irmãos levaram de volta a Jacó, dizendo-lhe que José havia sido devorado por animais selvagens.

Aparentemente Jacó conservou um fragmento dessa túnica como lembrança do filho. Posteriormente, ao se aproximar a morte, contemplando Jacó o fragmento da túnica que vinha guardando havia mais de meio século, profetizou que, assim como se conservara parte do fragmento, parte da semente de José seria preservada; e assim como uma parte havia

apodrecido, parte da semente de José se perderia perante o Senhor. (Alma 46:24-27.)

Fascinação dos Estudiosos da Bíblia

Os estudiosos da Bíblia também sentem grande interesse por José e sua história, especialmente aqueles que buscam protótipos — prenúncios proféticos de acontecimentos futuros, notadamente os relacionados à vida do Messias. Um bom exemplo de relato bíblico em forma de protótipo é encontrado na comparação feita por Paulo do nascimento de Ismael e Isaque com a apresentação da lei mosaica e da lei de Cristo. (Ver Gálatas 4:22-31.) Em linhas gerais, o relato da vida de José é um excelente prenúncio da vida do Mestre.

Ele é o filho favorito de seu pai, enviado por este em missão aos irmãos rebeldes. Os irmãos, ressentidos pela afinidade dele com o pai e pelos ensinamentos transmitidos, rejeitaram sua mensagem, maltrataram-no e por fim “tiraram-lhe” a vida para livrar-se dele. A fase seguinte de sua vida, começando com a descida à cova e terminando com sua experiência na prisão do Egito, pode ser comparada com a descida de Cristo às profundezas do inferno e sua obra na prisão espiritual.

Finalmente, ele é tirado da prisão e recebe um cargo de poder, inferior apenas ao soberano do país. A túnica, que seus irmãos haviam tirado dele (símbolo de sua carne), é substituída por um manto majestoso, e todo joelho é obrigado a curvar-se diante dele. Em sua nova e elevada posição, torna-se o salvador de seus irmãos, dando-lhes perdão e alimento, como se fora o pão da vida.

É fácil de ver por que José exerce tão grande fascínio sobre os estudiosos da Bíblia e também homens de letras, como Thomas Mann, que escreveu uma obra de quatro volumes a respeito do tema de José e seus irmãos. Mas me parece que José deveria ser de maior interesse para nós, sua posteridade. Ele não é apenas

uma grande figura histórica e religiosa, como também nos serve de exemplo pessoal quanto ao nosso modo de vida.

Conhecimento de Cristo

Ao seguir o exemplo de José e adquirir seus traços de caráter, nossa vida será mais rica e, de maneira geral, terá mais sucesso. Ele nos mostra o caminho para o conhecimento do Mestre e, nesse sentido, instruir-nos a respeito de nosso pai José (ou de qualquer um de nossos antepassados dignos) é um exercício que mais nos aproxima do Senhor. O Élder Bruce R. McConkie descreveu quão perto precisamos chegar-nos ao Senhor, observando que temos de conhecê-lo para obter a vida eterna. Dizia ele, num discurso de conferência geral: “Conhecer a Deus nesse sentido mais amplo que nos capacitará a ganhar salvação eterna significa que teremos de saber o que ele sabe, apreciar o que ele aprecia, sentir o que ele sente. Na linguagem do Novo Testamento, temos de ser ‘como ele.’” (Conferência Geral de abril de 1966.)

Falando dos traços de caráter que nos qualificam para o conhecimento de Cristo, o Apóstolo Pedro enumera os seguintes: “Pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência;

“E à ciência, temperança, e à temperança, paciência, e à paciência, piedade;

“E à piedade, amor fraternal; e ao amor fraternal, caridade.” Pois, continua Pedro, “se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”. (II Pedro 1:5-8.)

A fé em Deus é o início, incluindo confiança em seus caminhos e suas promessas. Seguir o caminho traçado por Deus exige coragem — uma virtude de Pedro — e compreensão. Mais que isso, exige que tenhamos temperança ou autodomínio, sujeitando nosso querer à vontade de Deus. É preciso paciência, se quisermos ver os frutos dos esforços



Que choque deve ter sido, quando José revê seus irmãos pela primeira vez em vinte e dois anos!

cristãos; é preciso também a piedade que procura aproximar-se de Deus entendendo seu caminho. Finalmente, é preciso desenvolver o amor fraternal e depois a transformação desse amor fraternal em caridade, o puro amor de Cristo — amor como o de Cristo e amor a Cristo.

A Fé e a Virtude de José

José foi a personificação viva de todos esses traços de caráter; sua vida era rica deles. Sua fé em Deus foi provada quase até o limite. Se alguma pessoa já teve razão para achar que Deus a havia abandonado, essa pessoa foi José, rejeitado e vendido como escravo por ensinar o que Deus lhe havia mostrado em sonho, falsamente acusado e lançado na prisão por querer guardar os mandamentos de Deus, permanecendo preso por mais de dois anos.

Seu homônimo, Joseph Smith, que sofreria um destino semelhante, clamou na prisão: “Ó Deus, onde estás?” (D&C 121:1.) José do Egito deve ter tido

sentimentos semelhantes, embora não haja evidência em todo o registro de que alguma vez tenha vacilado na fé. Pelo contrário, continuou a sentir a mão de Deus em todos os acontecimentos de sua vida.

A virtude, o segundo traço de caráter citado por Pedro, vai muito além de pureza sexual, que José demonstrou no incidente com a esposa de Potifar. A palavra virtude, em sua raiz, *vir*, está associada à palavra “viril”, e tem a conotação de masculinidade, de coragem e de força. Vivendo à maneira de Jesus, que viria a ser conhecido como o Filho do Homem, José levava uma vida que chamava a atenção de homens e mulheres. Não apenas as mulheres, como a esposa de Potifar, sentiam-se atraídas por ele, mas também muitos homens que encontrou reconheceram imediatamente seu potencial de liderança. Potifar o colocou como encarregado de toda sua casa e deixou tudo em suas mãos. O carcereiro na prisão colocou-o sobre os outros prisioneiros, e o Faraó lhe deu autoridade de comando apenas inferior à dele.

O Conhecimento e Paciência de José

Pedro registra: “Acrescentai à vossa ... virtude a ciência.” Deus quer discípulos entendidos. Cristo disse: “Sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas.” (Mateus 10:16.) Paulo escreve: “Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia.” (I Coríntios 14:20.) A fé cega não é suficiente para o discípulo de Cristo.

Quando consideramos a ascensão de um pastor à posição de poder mundano, começamos a ter uma idéia do conhecimento e compreensão que José deve ter acumulado. Presumimos que, no início, ele adquiriu conhecimento ouvindo o Senhor; mas não podemos ignorar o saber necessariamente requerido por sua posição no governo egípcio, especialmente na administração das colheitas e terras do Egito. Depois de haver interpretado os

sonhos do Faraó, ele comenta: “Portanto, Faraó se proveja agora dum varão entendido e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito.” A isto o Faraó respondeu: “Ninguém há tão entendido e sábio como tu.” (Gênesis 41:33, 39.) Ao mesmo tempo que isso pode ser encarado como reconhecimento do Faraó dos poderes espirituais de José, provou também ser verdadeiro em relação à sabedoria de José concernente à administração temporal.

O autodomínio e a paciência de José transparecem repetidas vezes em sua vida, como no episódio com a mulher de Potifar, e na disposição de confiar no Senhor durante o longo período de prisão. De fato, Josefo, o historiador judeu, faz um comentário interessante sobre a reação de José à prisão. Numa passagem espantosamente parecida com Cristo diante de Pilatos, Josefo registra:

“Agora, José, entregando toda sua vida a Deus, não tentou fazer sua defesa, nem dar um relato das circunstâncias exatas do fato, mas silenciosamente suportou os grilhões do infortúnio, acreditando firmemente que Deus, que conhecia a causa de sua aflição e a verdade do fato, seria mais poderoso que aqueles que lhe infligiam punições.” (*Antiquities of the Jews*, Livro II, V:1.)

A Piedade e a Caridade de José

A piedade ou santidade era também um atributo importante de José. Embora não haja nenhuma de suas orações, em toda a narrativa de sua história, percebe-se sua proximidade com o Senhor. A mão de Deus se manifesta em todos os aspectos de sua vida. Ele recusa a mulher de Potifar, dando como razão que seria uma ofensa a Deus. Ao reencontrar seus irmãos no Egito, ele acalma seus receios de retaliação, explicando que o fato de o terem vendido para o Egito foi a maneira de o Senhor fazer com que preparasse o caminho para eles.

É no relacionamento de José com seus irmãos que percebemos seus atributos mais cristãos, particularmente as virtudes do amor fraternal e caridade. Ao chamar



seu filho *Manassés*, José dá a entender que o Senhor o fez “esquecer de todo o meu trabalho, e de toda a casa de meu pai”. (Gênesis 41:51.) Que choque não deve ter sido, então, quando José revê seus irmãos pela primeira vez em vinte e dois anos. Que pensamentos devem ter enchido sua mente! Novamente sentimos sua grande paciência, não se dando a conhecer, até descobrir seus sentimentos.

A história teria que procurar muito para encontrar outra cena tão cheia de sentimentos humanos como a de José ouvindo seus irmãos (que não sabiam que ele conseguia entendê-los, uma vez que

lhes havia falado sempre por meio de um intérprete) falar a respeito de sua punição por terem vendido seu irmão como escravo. José respondeu com severidade, como Deus às vezes é obrigado a fazer conosco; mas, quando o vemos chegar às lágrimas em duas ocasiões, a ponto de ter que deixar a sala para escondê-las dos irmãos, percebemos a profundidade do amor cristão, cheio de perdão pelo sinceramente penitente.

Respeito nosso pai José por muitas coisas: pela fé, virtude, conhecimento, sobriedade e paciência, e pela piedade. Mas, acima de tudo, respeito-o por seu

amor e bondade fraternal. Estes são os atributos que mais o tornam semelhante a Deus; é que ele tem em comum com o Salvador e conosco, sua posteridade. Esses são os atributos que devemos procurar imitar como posteridade desse maravilhoso exemplo de excelência cristã, um dos maiores homens que este mundo já gerou, um pai que ensinou a toda sua posteridade o que realmente significa conhecer a Cristo. ■

Conversemos a Respeito

Depois de ler “José, Exemplo de Excelência”, individualmente ou em família, vocês poderiam discutir algumas das questões a seguir durante o período de estudo familiar do evangelho:

1. O artigo menciona que “o relato da vida de José é um excelente prenúncio da vida do Mestre”. Por que você acha que o Senhor nos dá esses prenúncios? O que podemos aprender com eles?

2. José conservou a fé em Deus, embora sofresse muito nas mãos de seus irmãos e de Potifar. O que podemos fazer para obter essa fé?

3. Depois de tudo o que seus irmãos lhe haviam feito, José voluntariamente os perdoou. O que podemos fazer no lar, para encorajar humildade e amor semelhantes? Como podemos nós, como José, amar as outras pessoas de maneira cristã?

4. Que outros atributos de José nos servem de exemplo? Como podemos seguir melhor seu exemplo de procurar imitar o Salvador em todas as coisas?

“DEIXAI QUE SE ENCHAM VOSSOS CORAÇÕES DE CONSTANTES E FERVOROSAS ORAÇÕES”

James T. Duke

Se, ao invés de falar

comigo mesmo, eu falasse

com o Pai Celestial,

estaria, em essência

orando continuamente.

Em seu grande sermão aos zoramitas assolados pela pobreza, no Monte Onida, Alma ensinou os princípios da fé e da obediência. Depois, voltando ao assunto da adoração, referiu-se aos ensinamentos de Zenos. Levantando-se para acrescentar seu testemunho ao de Alma, Amuleque exortou o povo a orar como Zenos fizera.

“Possa Deus, portanto, vos conceder, meus irmãos, que comeceis a exercer fé para o arrependimento, e que comeceis a chamar pelo seu santo nome, para que tenha misericórdia de vós.

“Sim, clamai a ele por misericórdia, porque é poderoso para salvar.

“Sim, humilhai-vos e continuai a dirigir-lhe vossas preces.

“Clamai a ele quando estais em vossos campos, sim, sobre todos os vossos rebanhos.

“Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos, tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde.

“Rogai-lhe que vos proteja contra o poder de vossos inimigos.

“Rogai-lhe que vos proteja contra o diabo, que é o inimigo de toda justiça.

“Rogai-lhe que favoreça as colheitas de vossos campos, para poderdes prosperar.

“Rogai-lhe que proteja os vossos rebanhos, para que aumentem.

“Mas isso não é tudo; é necessário que descerreis vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e em vossos campos.

“Sim, e quando não clamaís ao Senhor, deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam.” (Alma 34:17-27.)

Durante anos fiquei imaginando como seria possível meu coração “(encher-se) de constantes e fervorosas orações”. Então descobri a chave que abre a porta da comunicação contínua com meu Pai Celestial.

Muitas vezes discuti com meus alunos de sociologia a obra de George Herbert Mead, um grande analista do comportamento humano. George Mead interessava-se particularmente pela mente humana e sua maneira de funcionar. Suas explicações a respeito dos processos do pensamento, talvez devido à sua simplicidade, têm implicações profundas. De acordo com Mead, o pensamento é essencialmente uma conversa que mantemos conosco mesmos. “Podemos ouvir falando, e a importância do que dizemos é a mesma para nós próprios e para as outras pessoas.” (*Mind, Self and Society*, Chicago: University of Chicago Press, 1934, p. 62.)

Isto descreve precisamente como minha mente funciona, quando meus pensamentos estão divagando. Meus lábios não se movem, e ninguém me ouve. Mas, constantemente, quase sem interrupção, estou dizendo coisas a mim mesmo: “É hora de colocar o lixo lá fora. Como será que Dave (meu filho missionário) está-se saindo hoje? Espero que não esteja frio demais lá onde está, em Minneapolis. Bem, é melhor eu ir andando; senão vou-me atrasar para o trabalho. Ora, não abasteci o carro ontem. Talvez não tenha gasolina suficiente para chegar ao trabalho. Será que dá tempo de parar a caminho da escola?”

Se esse tipo de pensamento é uma

conversa com o próprio eu, por que não transformá-la numa conversa com Deus? E a oração não é muito diferente do pensamento. Na realidade, tem muitas semelhanças.

Se, ao invés de falar comigo mesmo, eu falasse com o Pai Celestial, *meus pensamentos seriam orações*. Eu estaria incluindo o Pai Celestial em todos os aspectos de minha vida, em todas as decisões que tomo. Estaria, em essência orando continuamente, como Amuleque ensinou.

Compreendendo isso, descubro que meu coração se enche de orações com mais frequência. O Pai Celestial se transformou para mim num amigo sempre presente, que me ouve quando falo com ele. Meus pensamentos se tornam mais significativos e mais santificados, quando os dirijo ao Pai:

“Como será que Dave se está saindo hoje? Pai, por favor, vela por Dave hoje e conserva-o em segurança. Por favor, conduze-o àqueles que estão procurando teu evangelho. E obrigado por me deixar criar esse filho maravilhoso, e por sua bondade e desejo de servir-te. Bem, seria melhor eu ir andando, senão vou-me atrasar para o trabalho...”

É claro que freqüentemente volto a falar apenas comigo mesmo, e agir por mim mesmo. Cada vez me conscientizo mais da proximidade do Senhor e da influência do Espírito Santo. Nesses momentos preciosos, quando meu coração se abrande e sei que o Pai me ouve e me ama, como eu o amo! Gosto de chamá-lo de Pai. Louvo-o e adoro-o, e minha gratidão aumenta dia-a-dia, à medida que minha alma se achega a ele em oração. ■

ADVERTIDO EM SONHO

David J. Hardy

O inverno de 1979/80 foi mais rigoroso que o comum em nossa área, e a pesada nevasca que caiu nas montanhas fez desabar o telhado da cabana de um amigo. Toda a estrutura do telhado até a base de concreto precisava ser refeita. Fui contratado para fazer o trabalho.

A cabana está localizada num ponto muito afastado de um desfiladeiro próximo, entre pinheiros majestosos, ao longo da margem de um riacho. É um local tão lindo e cheio de paz que quase parece não pertencer a esta terra teustial.

Por causa do local maravilhoso e da paz que me envolvia todas as vezes que ia lá, decidi fazer eu mesmo o trabalho, ao invés de contratar alguém como fazia freqüentemente. Meu irmão Rusty me ajudou, e começamos a derrubar a estrutura danificada em fins de abril, assim que a neve derreteu o suficiente para que tivéssemos acesso à cabana.

À medida que o tempo ia gradualmente esquentando, comecei a levar meu filho Kenny comigo todos os dias. Ele tinha dois anos e meio na época, e gostava realmente de acompanhar o pai. Ele se entretinha durante o dia inteiro explorando tudo o que via. Sentia-se fascinado por todas as belezas da natureza que acabava de descobrir, especialmente com os esquilos, târnias e pássaros, e passava horas brincando junto ao riacho, jogando pedras e gravetos na correnteza forte. Às vezes se enrolava e cochilava sob a proteção de um pinheiro frondoso.

E foi assim dia após dia. Ele teve muitos pequenos acidentes e arranhou alguns arranhões e esfoladuras durante suas explorações, mas raramente eu ia em seu socorro, porque via o desenvolvimento que estava tendo. À medida que se tornou mais familiarizado com o novo ambiente, foi ficando mais autoconfiante e certo de suas habilidades. Entretanto, eu tinha todo o cuidado de ficar observando-o de perto, porque ele era muito novo e pequeno, e principalmente por causa do riacho próximo, que estava bem mais profundo e perigoso com o degelo. Ele demonstrava surpreendente bom-senso, não chegando

nunca suficientemente perto da água para cair nela; mas notei que a cada dia, ele se achava mais confiante para chegar mais perto da margem.

Certa noite, depois de levar Kenny comigo por quatro ou cinco semanas, tive um sonho terrível. Levantei-me suando frio, depois de sonhar que ele havia caído na forte correnteza e se afogado. Foi tão real e me atemorizou tanto, que me sentei na cama e vi que estava tremendo.

Não consegui dormir novamente. Passei o resto da noite tentando acalmar-me e pensando muito nas imagens assustadoras que continuavam a povoar-me a mente. Tive a sensação exata de que o sonho era uma advertência que não devia ser ignorada. Ao mesmo tempo, imaginava como dizer ao pequeno Kenny que ele não mais poderia ir comigo à cabana. Eu não queria magoá-lo, pois sabia como ele gostava de ir para as montanhas comigo.

Na manhã seguinte, contei à minha mulher, Georgia, o pesadelo e meus

pressentimentos, e ela concordou que seria melhor que eu não o levasse mais comigo. Mas ela também estava preocupada a respeito de como ele reagiria ao desapontamento.

Kenny levantou-se cedo naquela manhã e, como de costume, começou a vestir-se. Veio para nosso quarto e sentou-se em meu colo, e enquanto eu o ajudava a calçar os sapatos e meias, eu continuava imaginando como dizer-lhe que não poderia mais ir comigo.

De repente, ele disse: "Papai, não posso ir trabalhar com você hoje."

"Por que?" perguntei, surpreso.

"Porque vou cair no rio", disse ele.

Lágrimas de alegria vieram aos nossos olhos, ao percebermos que Kenny havia recebido a mesma advertência que eu naquela noite. Um profundo sentimento de paz nos sobreveio, sabendo que o Pai Celestial nos dera de sua inspiração para proteger nosso filho e salvá-lo para sua missão nesta vida. ■



Ilustrado por Dilleen Marsh



Com o amor e apoio da família, dos amigos e dos membros da Igreja, Si Peterson (visto aqui com a mãe) aprendeu a adaptar-se e a não deixar que seu mal o impeça de gozar a vida.



SI PETERSON: UM SUD TÍPICO, MAS SEM IGUAL

Jeannie Takahashi

Frank Siedel (Si) Peterson, de Edmonton, Alberta, Canadá, é um típico jovem SUD.

Ele estuda, freqüenta as aulas do Instituto de Religião, assiste às reuniões da igreja, cumpre a designação de mestre familiar e vai a partidas de baseball, concertos e cinema. Tem quase dois metros de altura, cabelos castanhos, olhos azuis, é magro e recatado. É até mesmo o treinador do time de "softball"*1 da ala. O que você poderia achar de mais típico?

Mas, embora Si possa ser típico, ninguém jamais poderia acusá-lo de ser comum. Ele é um "astro" no difícil campo de encorajar e ajudar pessoas. Seu talento é saber relacionar-se com as pessoas, e ele não esconde esse talento.

"Si definitivamente tem um efeito excepcional sobre as pessoas", diz Russ Brailey. "É também um companheiro de ensino familiar em quem se pode confiar inteiramente. Imagine você, eu tive que me acostumar a que sua mãe fosse conosco."

"Certo. Sei o que Russ quer dizer", afirma Glen Hudson, capitão do time de "softball" masculino. "Quando Si se tornou nosso treinador, parecia estranho ter sempre a mãe dele por perto."

Si não é totalmente dependente da mãe, mas alguém, geralmente sua mãe, Anita Begieneman, sempre o acompanha, porque ele está quase totalmente paralisado desde 1º de março de 1975, quando caiu de uma alta barra de ginástica. Ele apenas pode enxergar, ouvir, pensar, formar palavras com os lábios e sorrir.

Antes do acidente, Si era um típico

adolescente SUD.

Com quase dezessete anos, o mais velho de seis filhos, gostava de todos os esportes; não se importava muito com a escola; tocava piano; e provocava seus irmãos, irmãs e a mãe.

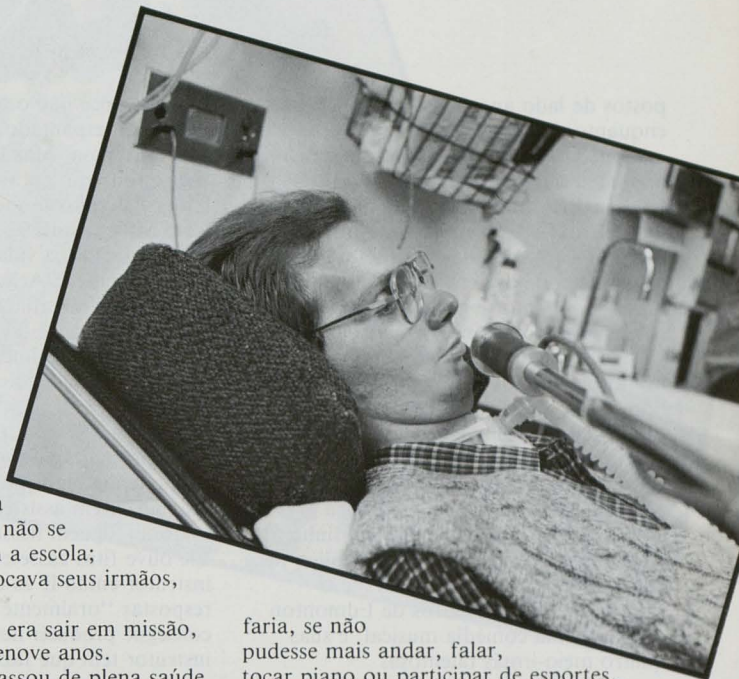
Seu objetivo maior era sair em missão, assim que fizesse dezenove anos.

Num instante, Si passou de plena saúde para uma paralisia total. Perdeu todos os movimentos. Não podia respirar, falar, nem comer. Passava as vinte e quatro horas do dia num respirador artificial que lhe mantinha a vida.

Quando ficam repentinamente paralisadas, as pessoas geralmente sentem rejeição, raiva, ressentimento e até mesmo amargura antes de aceitarem sua condição. A equipe médica que cuidava de Si ficou espantada, porque ele não teve raiva, depressão, nem perdeu as esperanças ou teve pânico.

No entanto, ele contraiu pneumonia, e sua mãe chamou o ex-bispo e grande amigo de Si, Robert S. Patterson, para dar-lhe uma bênção. O Irmão Patterson lhe disse: "Seu acidente tem um propósito definido e importante. Você deve tornar-se um instrumento nas mãos do Pai Celestial, para ajudar a levar muitas pessoas que no momento não acreditam em Deus, a terem conhecimento dele. Esta deve ser sua missão. Você concordou com ela antes de vir para a terra, e se a cumprir bem, você será grato ao Pai Celestial por ela todos os dias de toda a eternidade."

A mãe de Si também recebeu um testemunho do amor do Senhor. Si recorda: "Mamãe me perguntou o que eu



faria, se não pudesse mais andar, falar, tocar piano ou participar de esportes. Era uma coisa na qual havia pensado muito. Eu disse: 'Tudo bem, mamãe, fiz essas coisas o melhor que pude quando podia fazê-las, e agora aprenderei a fazer alguma outra coisa.'

"Ela me contou que, no dia após o acidente, ela foi ao meu quarto, sentou-se na minha cama e clamou: 'Pai Celestial, por quê? Por que isso aconteceu com meu filho?' Como resposta, muitos pensamentos povoaram-lhe a mente. Ela percebeu que era o Espírito Santo, e assim pegou um lápis e papel de minha escrivaninha e registrou o que lhe veio à mente: 'Esta vida é um período de treinamento para a divindade. A maneira como enfrentamos as provações e como deixamos que elas afetem nossa vida é muito importante. Precisamos encará-las como instrumentos de crescimento. Todas as coisas podem ser para o nosso bem, desde que permitamos que o sejam. Esta vida é o tempo de se preparar para viver novamente com o Pai Celestial, para crescer em espírito, caráter e força, para enfrentar os desafios e as tremendas responsabilidades do reino celestial. Esta época da vida de Si será estimulante e desafiadora, à medida que passar por novas experiências. Nenhum dos talentos que ele desenvolveu será perdido. Estão

*1 "Softball" é uma forma modificada de baseball jogado com bola mais macia e menor. — N.T.

Além de treinar um time de baseball, Si Peterson gosta dos passeios da ala, das visitas dos mestres familiares, e de ser mestre familiar, tendo a mãe como porta-voz.

postos de lado apenas temporariamente, enquanto desenvolve outros.”

A medida que os meses passaram, Si aprendeu que não tinha que levar uma vida passiva simplesmente por não poder movimentar-se. Havia ainda muito que poderia dar. Aprendeu até mesmo que uma forma de dar era aceitar ajuda dos outros com amor e gratidão. E ele a recebeu de muitas, muitas pessoas.

Mencionando algumas: Sua mãe o visita no hospital todos os dias, e passa muitas horas com ele. Os outros membros da família também lhe mostram amor e apoio. Os médicos e enfermeiras do hospital lhe dão cuidado constante. As crianças da Primária de sua estaca arrecadaram uma boa soma em dinheiro para comprar um elevador hidráulico para levantar sua cadeira de rodas até o furgão. A ala de solteiros de Edmonton encenou uma comédia musical, e suas quatro meio-irmãs talentosas apresentaram um programa musical a fim de levantar fundos para um computador pessoal.

O Irmão Bob Layton, repórter noticiário de uma estação de rádio local, produziu um documentário de duas partes a respeito de Si. É norma da estação nunca apresentar um documentário mais que uma vez, mas a resposta dos ouvintes à história de Si Peterson foi tão esmagadora, que eles tiveram que repeti-lo muitas vezes. Por fim, a trilha sonora do documentário foi combinada com uma série de “slides” fotográficos para formar um programa audiovisual. O Irmão Layton, a pedidos, apresentou esse programa em serões, escolas e para organizações da comunidade muitas vezes. As cartas de resposta, muitas de escolares são uma evidência de que Si foi verdadeiramente um instrumento para trazer pessoas a Deus. Uma menina escreveu: “A fé e a aceitação do acidente me ajudaram a acreditar também.”

Alguns presentes que Si recebeu não foram muito bem aceitos, a princípio. Um dia, em 1977, um jovem chamado Duane Simpson entrou no quarto de hospital de Si, desligou a televisão, e perguntou: “O que você está fazendo com sua vida, Si? Por que perde tempo vendo televisão? Não há nada de errado com seu cérebro.

Por que você não o está usando?”

Si ficou espantado. Sua mãe ficou muito nervosa. Mas Duane continuou: “Si, estou aqui para ajudá-lo no que puder.” Explicou que fora indicado para ser o instrutor de Si.

A partir daí, a vida de Si mudou drasticamente. “Acho que precisava de Duane para me ajudar a mudar de atitude. Eu não estava fazendo nada, porque nunca realmente pensei que houvesse alguma coisa que pudesse fazer.”

Desde aí, Si vem trabalhando para concluir o curso de segundo grau. Agora ele pretende ingressar numa universidade e graduar-se em assistência social.

Como alguém nessas condições estuda? Ele ouve fitas cassete e o instrutor. O instrutor então lê as questões. Si dá as respostas “oralmente”. Mas, como Si não consegue produzir nenhum som, seu instrutor tem que fazer leitura labial, escrever as respostas e enviá-las ao curso por correspondência para serem avaliadas. É uma forma vagarosa e entediante de estudar, mas Si brinca: “Estou obtendo notas melhores do que jamais tive antes.”

Ao mesmo tempo que aprendeu a receber graciosamente, também aprendeu a dar sem egoísmo. Ele tem aconselhado muitas pessoas deprimidas e atormentadas, que estão lutando para enfrentar suas próprias deficiências e dificuldades, e todas saíram encorajadas.

Sua profunda empatia para com os sentimentos e problemas alheios também tem ajudado a atingir e trazer pessoas para a Igreja ou a reativá-las.

Uma dessas pessoas, enfermeira do hospital onde Si vive, recorda: “Ouvi falar da Igreja pela primeira vez durante minhas conversas das três da madrugada com Si. Ele conseguiu definir muitos sentimentos essenciais que tive durante toda minha vida. Depois me perguntou se eu gostaria de ouvir os missionários, e eu o fiz. Fui batizada em agosto de 1983.”

David McTavish é outra das muitas pessoas cuja vida Si tocou. “Deixando a inatividade, a princípio me senti pouco à vontade com Si. Mas seu exemplo de aceitação da Igreja e sua fé, além de muitas conversas com ele, ajudaram-me a enfrentar os obstáculos que havia entre

mim e a Igreja. Ele também me livrou do receio do tipo de pessoa que sou.”

A Sra. G. Von Busse, uma vovó alta e loira, é a fisioterapeuta de Si e sua boa amiga. “Observei Si transformar-se de um adolescente no jovem maravilhoso que é hoje. Tenho um amigo em Si. Ninguém realmente me conhece no hospital, a não ser Si. Falamos de tudo, de minha juventude, de música, de finanças, de política, de minha família, de tudo. E quando vou à Alemanha visitar minha família, eles perguntam: ‘Como é Si?’ E quando volto, Si toca meus discos preferidos. Ele é uma pessoa muito boa, muito inteligente e saudável, apenas está paralisado, isso é tudo.”

Se você parasse no quarto de Si sem ser anunciado, provavelmente o encontraria trabalhando em seu computador ou com os fones de ouvido, ouvindo uma de suas muitas fitas cassete: As obras-padrão (ele as ouviu todas pelo menos quatro vezes), discursos de conferência, livros gravados, aulas da escola, ou música, indo desde o Coro do Tabernáculo à música clássica e popular.

A independência de Si aumentou bastante com o aparelho de controle eletrônico que o Conselho de Reabilitação de Alberta instalou para ele, em 1978. Tocando o botão de controle com o lábio inferior, ele consegue ligar ou desligar tudo o que está ligado ao sistema. Pode até chamar uma enfermeira. Agora tem um computador pessoal adaptado, que pode ser ligado ao aparelho e lhe permite, pela primeira vez em dez anos, escrever o que deseja. “Isto me permite fazer muitas coisas, antes impossíveis para mim”, diz ele. “Posso usá-lo para meus estudos. Em seguida, vou escrever um livro a respeito de minha vida. Além disso, depois de um pouco mais de treinamento, pode ser que eu componha algumas músicas.”

Sem dúvida, grande parte da força de Si provém do evangelho. Ele é um élder desde novembro de 1977. E em 22 de junho de 1982, viajou mais de quatrocentos e oitenta quilômetros até o Templo de Alberta, para receber os endowments. O presidente do templo, Vi A. Wood, que anos antes havia dado a Si a bênção patriarcal, ajudou-o na sessão do endowment.



Si aceita a paralisia calmamente, mas não é fácil viver como ele vive. Além do desconforto e das limitações óbvias, ele também suporta os efeitos colaterais disso tudo. Por exemplo, por estar constantemente no respirador, os gases do sangue se desequilibram, causando-lhe terríveis alucinações. Ele passou por muitos momentos quase fatais em que seu respirador falhou. Sofreu parada cardíaca, pneumonia várias vezes, cálculos renais, úlceras estomacais e ataques. Mas a fé no Pai Celestial permanece inabalável.

O mesmo acontece com o senso de humor. Há geralmente um sorriso no rosto de Si, e ele gosta de uma boa brincadeira. Certa vez, quando a mãe chegou ao hospital para a visita diária, quase teve um choque. Dois serventes de cara séria estavam sentados perto do quarto de Si, e a porta estava fechada. Ela abriu a porta e entrou.

O quarto de Si estava na penumbra, e ele coberto com um lençol branco. O coração de Anita vacilou. Ela se aproximou e puxou o lençol. Si estava rindo! Então os serventes entraram e eles começaram a rir também!

Si é uma inspiração para toda a família. A irmã mais nova, Barbie, reflete: "Eu

tinha apenas cinco anos quando aconteceu o acidente, e, assim, ter Si dessa maneira é apenas parte do nosso viver. Não é um fardo para nós. Acho que seria, se Si fizesse muito alarde a respeito, mas ele não faz, nem eu. Às vezes desejaria fazer mais por ele, mas depois penso que não, porque ele tem abençoado a vida de tantas pessoas. Eu realmente espero que um dia ele melhore. Ele é realmente um grande sujeito!"

O pai de Si, Dr. Frank Peterson, conclui: "É uma infelicidade que esteja imobilizado, mas todas as coisas em relação a isso têm sido positivas. Estou orgulhoso dele."

Si tem um firme testemunho, e o presta com frequência. A mãe lê seus lábios e então verbaliza seus sentimentos, acompanhando o zumbido rítmico de seu respirador.

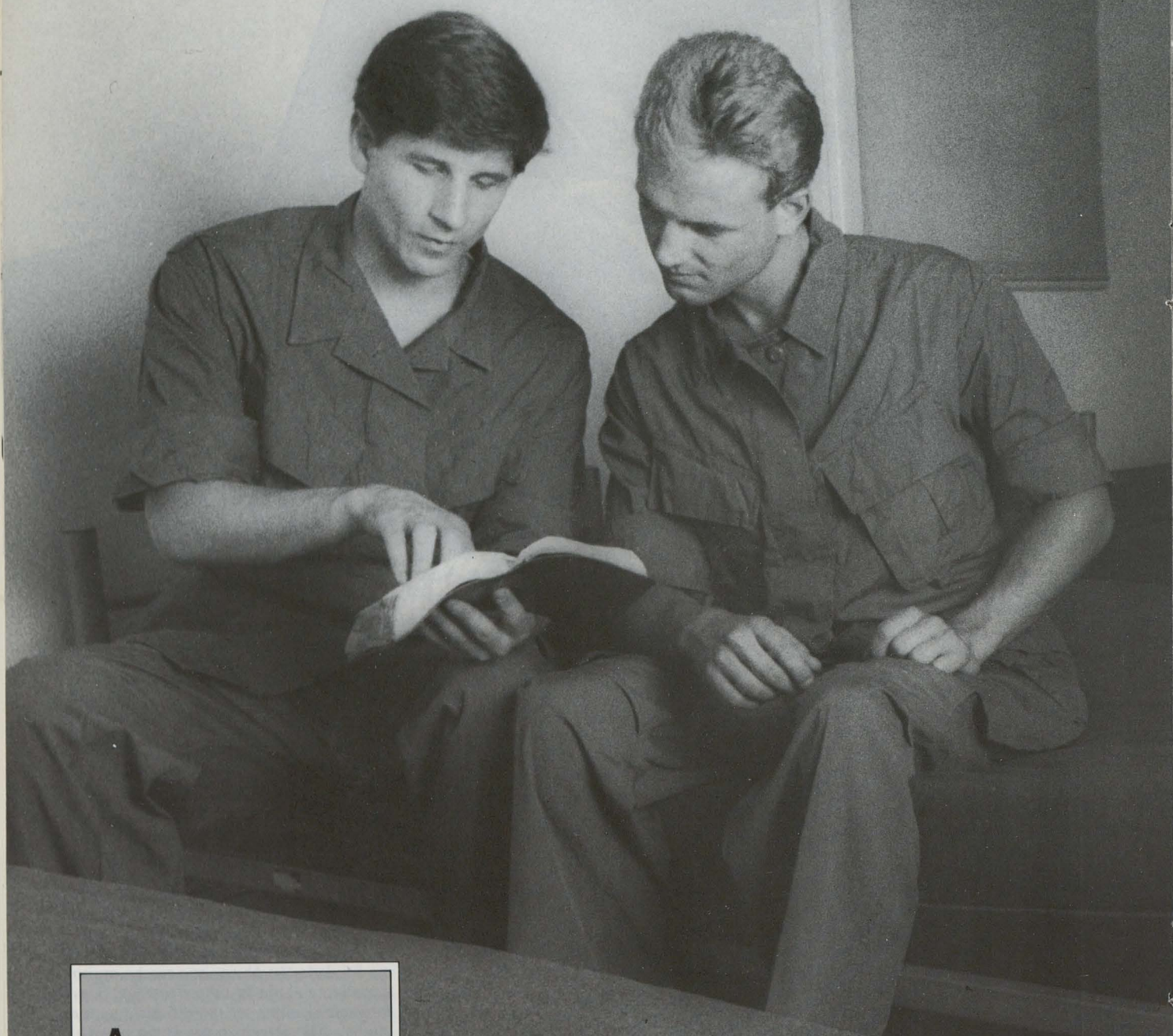
"Um dos principais propósitos desta vida terrena é ser provado, para nos mostrarmos dignos de voltar ao Pai Celestial, e, assim, as provações que recebemos são uma parte importante de nossa vida. Todos nós seremos provados de uma forma ou de outra. O mais importante é como aceitamos as provações e crescemos com elas. Elas

podem ser pedras de tropeço ou degraus para subir.

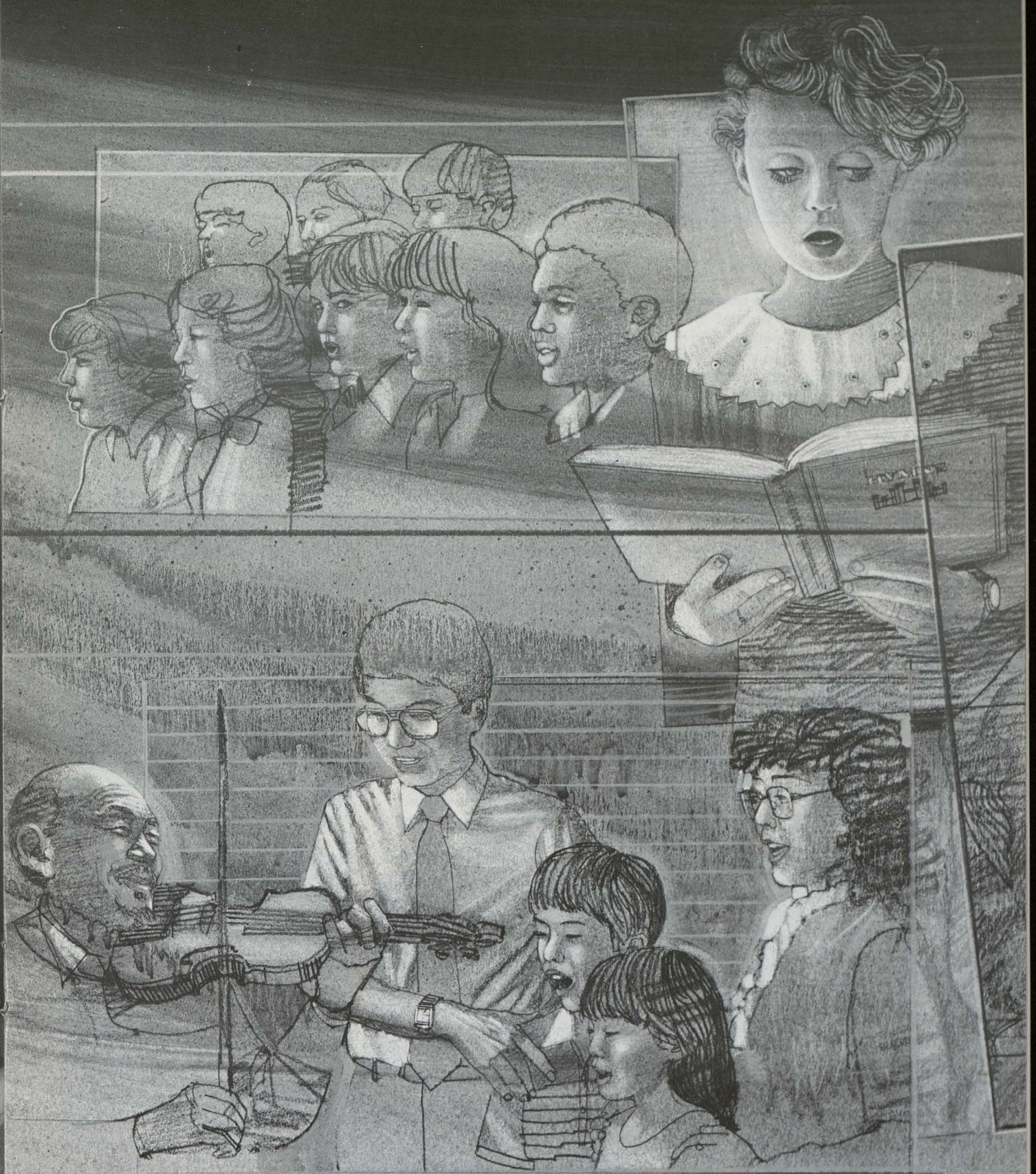
"Sou grato por pertencer à Igreja viva e verdadeira, e sou grato pelo sacerdócio do qual sou portador. Sou grato por minha família que me ama e me apóia, e pelas muitas outras pessoas que me ajudam tanto. Sei que o Pai Celestial vive e que ouve e responde às minhas orações. Sou grato por nosso Salvador, Jesus Cristo, e pelo sacrifício que fez por nós. Sei que o acidente que me vitimou teve um propósito especial no plano do Pai Celestial.

"Sinto-me feliz por ser a provação que me foi dada tão óbvia, que recebo muito incentivo e ajuda de tantas pessoas. Suas provações podem ser tão difíceis quanto a minha, mas talvez não sejam tão óbvias, e assim oro para que seja capaz de aceitá-las e ter forças para suportar e crescer com elas."

Este pensamento é típico de Si Peterson. Encerrado na prisão de seu corpo inerte, com todas as desculpas possíveis para voltar amargamente os pensamentos para dentro de si mesmo, sua mente se volta para os outros em oração e serviço. Mesmo deitado, ele é um gigante. Si Peterson, um típico jovem SUD, e um ser humano único. ■



Apanhei Doutrina e Convênios, abri na seção 89, e vagarosamente li em voz alta cada palavra da revelação conhecida, como Palavra de Sabedoria.



Seção Infantil



DE UM AMIGO PARA OUTRO

De uma entrevista pessoal feita por Janet Peterson com Barbara Woodhead Winder, presidente-geral da Sociedade de Socorro

Barbara Winder cresceu na área de East Millcreek, na Cidade do Lago Salgado, na época da Grande Depressão, no início da década de 1930. "Lembro-me de mamãe ensinando-me a orar pelas crianças pobres. Como havia amor em nosso lar, eu não percebia que talvez fosse uma daquelas crianças pobres. Parecia, no entanto, que tínhamos quase todas as coisas que eram essenciais.

"Havia muitos pomares, morangos e framboesas. Eu colhia muitas frutas e trabalhava em nossa horta. Contribuí para as finanças da família quando freqüentava o colegial, trabalhando na sorveteria daquela localidade. E ajudei a pagar meu curso na Universidade de Utah trabalhando num escritório.

"Meus pais não eram ativos na Igreja, mas eram pessoas maravilhosas. Lembro-me de minha mãe ensinando-me a orar, e também ensinando-me repetidas vezes o princípio da obediência. Quando ganhei meu primeiro par de patins de rodas, mamãe me advertiu: 'Agora não desça a colina, porque será difícil para você. A superfície firme e plana do lado direito da casa será muito mais fácil.' Mas eu queria sentir a emoção de descer a colina, e foi provavelmente só cinco minutos depois que voltei chorando, com os dois joelhos bastante esfolados. Mamãe salientou que, se houvesse obediência, não me teria machucado. Tenho pensado nisso muitas vezes desde aí, e acho que, se obedecermos a nossos pais e aprendermos a clamar ao Pai Celestial e a obedecer ao que ele nos diz, evitaremos muitas dificuldades.

"Lembro-me de minha primeira grande pescaria. Eu tinha dez anos e fomos para Mackay, Idaho. Meu pai ensinou-me a colocar a minhoca

no anzol, o que achei horrível. Fiquei pensando: 'Papai, por que o senhor não faz isso? Não quero fazê-lo.' Mas quando lhe pedi, ele disse: 'Se você quer aprender a pescar, tem que aprender a fazer tudo.' E assim fez-me colocar a minhoca no anzol. Depois, quando peguei meu primeiro peixe, eu não sabia o que fazer com aquela coisa escorregadia e que não parava de se contorcer. Meu pai ensinou-me a limpar o peixe: Tive que segurá-lo numa mão, abri-lo e tirar suas entranhas, uma coisa bastante desagradável para mim. Mas conseqüentemente percebi a sabedoria de papai; se não fazemos realmente tudo o que uma determinada tarefa exige, geralmente não aprendemos tudo o que precisamos saber.

"Eu era a filha mais velha da família. Tenho um irmão que é apenas dezoito meses mais novo que eu, e éramos muito unidos. Tínhamos apenas um ano de diferença na escola. Minha irmã é seis anos e meio mais nova que eu e, à medida que eu crescia, sentia-me quase como sua mãe. Além disso, por causa das necessidades econômicas, mamãe foi trabalhar quando minha irmã era ainda bem pequena, e assim eu tinha muita responsabilidade em relação a ela. Então, quando eu tinha dezesseis anos, nasceu meu irmão mais novo. Eu amei aquele bebê também e o observava com grande alegria e admiração. Nós, os quatro irmãos, ainda nos vemos freqüentemente.

"Sempre tínhamos alguém vivendo conosco. Primeiro, a irmã mais nova de papai, que cursava a escola de enfermagem, veio morar conosco. A irmã mais nova de mamãe também morou conosco por algum tempo, quando a mãe delas faleceu. Ter essas tias conosco me ajudou durante os anos em que





mamãe estava trabalhando, e eu gostava muito delas.

"Depois a mãe de meu pai, que havia ficado viúva, morou conosco durante o último ano de vida. Foi uma grande bênção para mim, porque aprendi muito a respeito de suas origens e das coisas que eram importantes para ela.

"A mãe de mamãe, Vovó Hand, morreu quando eu era ainda garotinha. Eu adorava estar na casa dela e me lembro da maravilhosa comida que sempre preparava. Ela tinha oito filhos, e sempre preparava tudo, tortas, por exemplo, e filões de pão, às dúzias. Sua casa estava

sempre aberta para todos.

"Minhas duas avós foram presidentes da Sociedade de Socorro. Elas cuidavam das viúvas e preparavam quitutes para elas em feriados especiais. Pouquíssimas pessoas tinham carro, e meus tios entregavam a comida em seus carrinhos e faziam outras coisas para ajudar as viúvas e para amenizar sua solidão."

A mensagem da Irmã Winder às crianças de hoje é: "Fiquem perto de nosso Pai Celestial. Sejam obedientes a seus pais. Orem sempre e se esforcem nas coisas que querem fazer." ■



JACÓ e ESAU



Ilustrado por Jerry Harston

Já fazia quase vinte anos que Isaque e Rebeca estavam casados sem nunca terem tido filhos. Isaque sabia que o Senhor havia prometido a Abraão muitos descendentes, portanto oraram pedindo que fossem abençoados com filhos. O Senhor respondeu à oração de Isaque.

Quando Rebeca estava para dar à luz, sentiu dentro de si uma estranha luta e se preocupou. Em resposta a sua oração, o Senhor lhe revelou que ela teria gêmeos e que cada filho seria o líder de uma nação diferente. Uma nação seria mais forte que a outra, e o mais velho serviria ao mais novo.

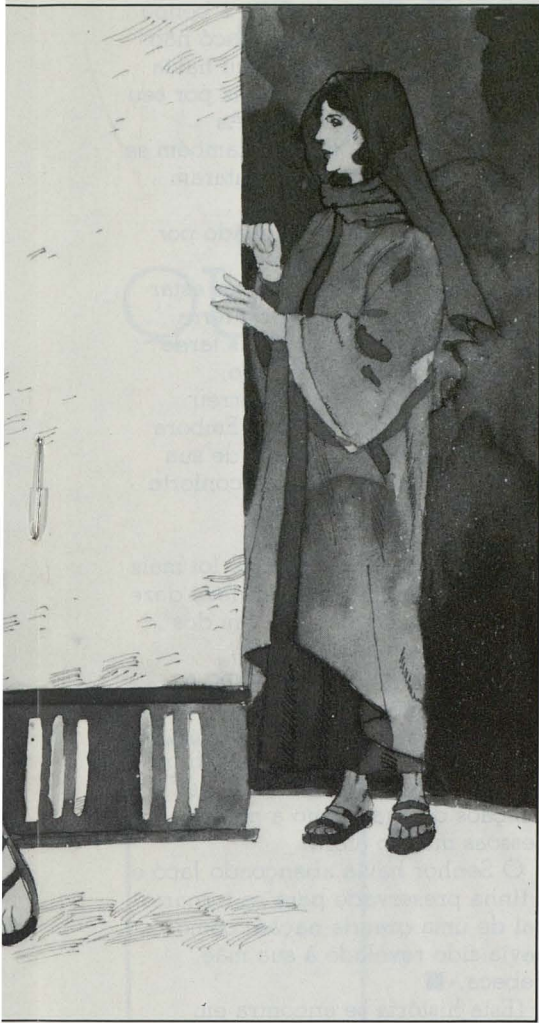
Chegou o dia em que Rebeca teve dois meninos gêmeos. O segundo nasceu segurando o calcanhar do primeiro. Os dois eram muito diferentes. O primogênito a quem chamaram Esaú, era ruivo e tinha o corpo coberto de pêlos. O mais

novo tinha a pele lisa e recebeu o nome de Jacó. Ao crescer, Esaú tornou-se um perito caçador inteligente, que passava seus dias nos campos com seu arco, enquanto Jacó trabalhava perto das tendas onde viviam.

Certo dia, enquanto Jacó cozinhava uma porção de lentilhas, Esaú chegou vindo da caça. Ele estava fraco de fome e, ao sentir o cheiro delicioso da comida, disse a Jacó: "Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou muito cansado."

Naqueles dias, certas bênçãos e privilégios, chamados "direito de primogenitura", eram passadas do pai para o filho mais velho. Esaú, o filho mais velho de Isaque, possuía o direito de primogenitura.

Esaú disse a Jacó: "Eis que estou a ponto de morrer; logo, para que me servirá o direito de primogenitura?"



"Prometa-me que me dará o direito de primogenitura", disse Jacó. Esaú prometeu, trocando sua primogenitura por um prato de lentilha. Dando mais valor à comida do que ao seu direito de primogenitura, Esaú comeu até ficar satisfeito e seguiu o seu caminho.

Os anos se passaram e Isaque ficou velho, fraco e quase cego. Ele sabia que já não viveria muito tempo nesta terra.

Como patriarca de sua família, Isaque podia dar o direito de primogenitura e bênçãos especiais a seus filhos. Chamando seu filho mais velho, Esaú, Isaque disse: "Eis que agora estou velho, e não sei o dia da minha morte; toma, pois, tuas armas, a tua aljava e teu arco; e sai ao campo, e apanha para mim alguma caça; e faze-me um guisado saboroso, como eu gosto, e traze-mo, para que eu coma; a fim de que minha alma te abençoe, antes que

morra."

Rebeca ouviu as palavras do marido a Esaú, e correu a encontrar Jacó. O Senhor havia revelado a Rebeca que Jacó deveria receber o direito de primogenitura, mas ela sabia o quanto Isaque amava seu filho mais velho e como queria dar essas bênçãos a Esaú. Já que Esaú nem sempre tinha feito escolhas acertadas, Rebeca sabia que ele não era digno delas. Ele havia rejeitado os ensinamentos de seus pais, casando-se com uma filha dos cananitas. Rebeca sabia, por inspiração, que Jacó era quem deveria receber a bênção da primogenitura.

Rebeca contou a Jacó que Isaque tinha mandado Esaú à procura de caça que ia abençoá-lo depois de ter comido. "Agora, pois, ouve a minha voz", disse ela. "Vai ao rebanho, e traze-me dois bons cabritos, e eu farei um guisado saboroso para teu pai, como ele gosta."

Ela então disse a Jacó que ele deveria levar o alimento ao pai, que haveria de abençoá-lo no lugar de Esaú.

Jacó, no entanto, respondeu: "Eis que Esaú, meu irmão, é peludo e eu sou liso. Porventura meu pai me apalpará e serei a seus olhos enganador; assim trarei sobre mim uma maldição e não uma bênção."

Rebeca disse: "Não se preocupe, vai e faze como eu te ordenei."

Jacó fez tudo correndo e voltou com os dois cabritinhos, que foram preparados pela mãe. Rebeca fez com que Jacó vestisse algumas roupas de Esaú e, tomando as peles dos carneiros, colocou-as nas suas mãos e pescoço. Colocando a carne e o pão que ela havia preparado nas mãos de Jacó, Rebeca enviou-os até o pai.

Jacó aproximou-se nervosamente de Isaque. "Meu pai", cumprimentou ele. Isaque olhou para cima, mas sendo quase cego, perguntou: "Quem és tu, meu filho?"

Jacó replicou: "Eu sou Esaú, teu primogênito; tenho feito como me disseste; levanta-te, pois, senta-te e come da minha caça, para que tua alma me abençoe."

Isaque mostrou-se surpreso por ele ter encontrado caça tão depressa e retrucou: "Chega-te, pois, para que eu te apalpe e veja se és meu

filho Esaú mesmo ou não."

Jacó se aproximou; Isaque tocou-o e disse: "A voz é a voz de Jacó, porém as mãos são de Esaú."

Jacó serviu o alimento. Depois de satisfeito Isaque, disse: "Aproxima-te agora, e beija-me, meu filho."

Quando Jacó se ajoelhou e beijou o pai, Isaque sentiu o cheiro das roupas de Esaú e convenceu-se de que era realmente ele. Então, colocando as mãos na cabeça de Jacó, abençoou-o com o direito de primogenitura, que Esaú havia trocado por um prato de lentilha. Isaque abençoou Jacó com as coisas boas da terra e profetizou que seu irmão se curvaria diante dele e o serviria. A mesma bênção que havia sido dada a Abraão e Isaque foi dada a Jacó, que deveria herdar uma terra prometida e ter muitos descendentes. Esses descendentes deveriam ter o santo sacerdócio e ser uma bênção para todas as nações da terra.

Logo depois de Jacó ter saído do quarto, Esaú voltou. Ele também havia preparado uma carne saborosa para o pai. Esaú disse: "Levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para que a tua alma me abençoe."

Isaque sentiu-se confuso e perguntou: "Quem és tu?"

Esaú respondeu: "Sou teu filho, o teu primogênito, Esaú."

Isaque estremeceu: "Quem, pois, é aquele que apanhou caça e me trouxe? Eu comi de tudo antes que tu viesses, e abençoei-o."

Isaque, porém, reconheceu que era vontade do Senhor que Jacó recebesse o direito de primogenitura, e disse: "Ele será bendito."

Esaú chorou. Ele havia perdido as bênçãos que poderiam ter sido suas, por não ter vivido de modo que fosse digno delas. Rogou então ao pai que lhe desse pelo menos uma bênção.

Isaque colocou as mãos sobre a cabeça de Esaú e lhe disse que ele haveria de viver pela espada e serviria a seu irmão.

Por causa do que havia acontecido, Esaú passou a odiar Jacó e disse em seu coração: "Meu pai logo morrerá, e então irei e matarei meu irmão Jacó."

Rebeca descobriu o que Esaú havia ameaçado fazer e chamou Jacó. Ela sabia que o Senhor tinha

uma missão especial para Jacó, e queria protegê-lo, para que ele pudesse viver para cumprir tal missão. "Eis que teu irmão Esaú planeja matar-te," disse ela. "Portanto, levanta-te e foge até Labão, meu irmão, que vive em Harã. Fica com ele até que a raiva de teu irmão passe; então, mandarei trazer-te de lá."

Seguindo o conselho de sua mãe, Jacó deixou o lar. Antes de partir, foi instruído por Isaque a não se casar com nenhuma das filhas de Canaã, mas a ir até a casa de Labão, lá procurando esposa.

Labão recebeu bem a Jacó e levou-o para sua casa. Ele ficou contente com o filho de sua irmã.

E, ao fim de alguns anos, ele casou-se com a filha mais velha de Labão, Léia, e depois com sua irmã mais nova, Raquel.

Jacó trabalhou bastante para o sogro. Os rebanhos e manadas eram pequenos quando ele chegou, mas, sob seus cuidados, cresceram e se multiplicaram. Jacó serviu Labão pacientemente dia após dia, ano após ano.

Jacó sentia-se feliz, principalmente porque tinha sua bela Raquel. O Senhor sabia que Jacó amava Raquel mais do que a Léia, e amenizou o sofrimento desta, abençoando-a com filhos. Léia teve quatro filhos, Rúben, Simeão, Levi e Judá, enquanto Raquel não teve nenhum.

Raquel continuava infeliz por não ter filhos e orava fervorosamente ao Senhor, sendo, finalmente, abençoada com um filho, a quem chamaram José.

Depois de trabalhar quatorze anos para Labão, Jacó resolveu tomar suas mulheres e filhos e voltar para sua terra natal. Labão não queria

que ele fosse embora, pois o Senhor o havia abençoado de muitas maneiras, desde que Jacó estava com ele; portanto, rogou: "Fica comigo e te pagarei o que desejares."

Jacó serviu a Labão pacientemente mais seis anos, antes de tomar sua família e seus animais, e voltar para Canaã.

Jacó estivera longe de Canaã, a terra onde nascera durante vinte anos. Quando o Senhor lhe disse que voltasse, ele ficou preocupado com a maneira que seria recebido por Esaú, seu irmão. Jacó havia saído de sua casa porque Esaú queria matá-lo, e ficava imaginando se ele não continuava a pretender a mesma coisa.

Quando ele e sua família se aproximaram das terras de Esaú, Jacó enviou mensageiros à frente, para dizer-lhe que estava a caminho de casa. Os mensageiros voltaram, dizendo que Esaú estava vindo com quatrocentos homens.

Jacó ficou com medo. Dividiu o povo, os rebanhos e o gado em dois grupos. Se Esaú atacasse um grupo, o outro talvez conseguisse escapar. Então Jacó se voltou ao Senhor em oração. Admitiu humildemente que não era digno da misericórdia de Deus, mas rogou que o livrasse, bem como sua família, de Esaú. Na manhã seguinte, Jacó viu Esaú e seus quatrocentos homens que se aproximavam. Adiantou-se da família e se curvou até o chão sete vezes diante de Esaú que correu a

encontrá-lo. Esaú abraçou e beijou Jacó, e ambos choraram. Jacó não esperava tal recepção. Esaú havia perdoado Jacó e estava feliz por seu irmão gêmeo ter voltado. As mulheres e filhos de Jacó também se aproximaram e cumprimentaram Esaú respeitosamente.

Jacó ficou bastante aliviado por ver que seu irmão o havia perdoado. Sentia-se feliz por estar novamente em sua própria terra.

Jacó e Raquel foram mais tarde abençoados com outro filho, Benjamim, mas Raquel morreu quando a criança nasceu. Embora Jacó sofresse com a perda de sua amada Raquel, encontrou conforto em seus dois filhos, José e Benjamim.

Ao todo, Jacó, cujo nome foi mais tarde mudado para Israel, teve doze filhos. A família de cada um dos filhos foi chamada de tribo, tornando-se conhecidos como as Doze Tribos de Israel. As promessas feitas pelo Senhor a Abraão, Isaque e Jacó foram passando a seus filhos, cujos descendentes levariam as bênçãos do evangelho a muitas pessoas mundo afora.

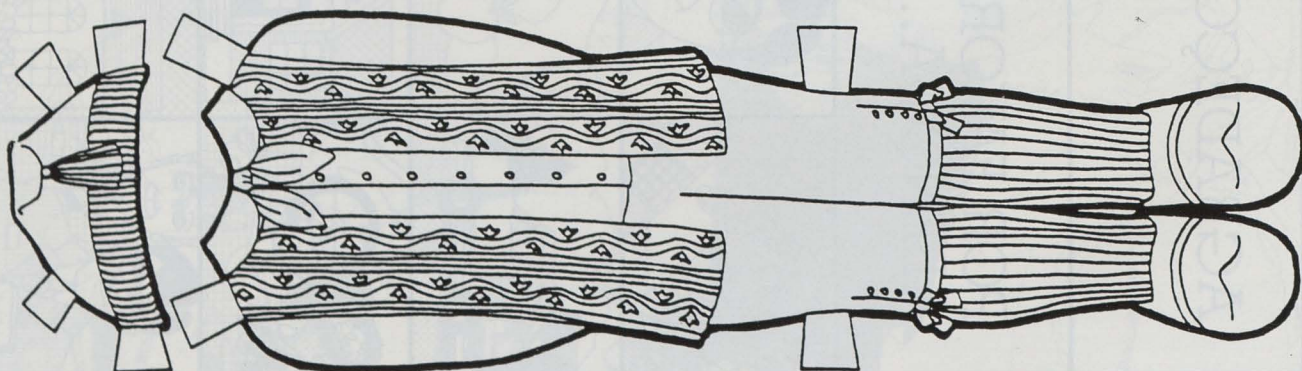
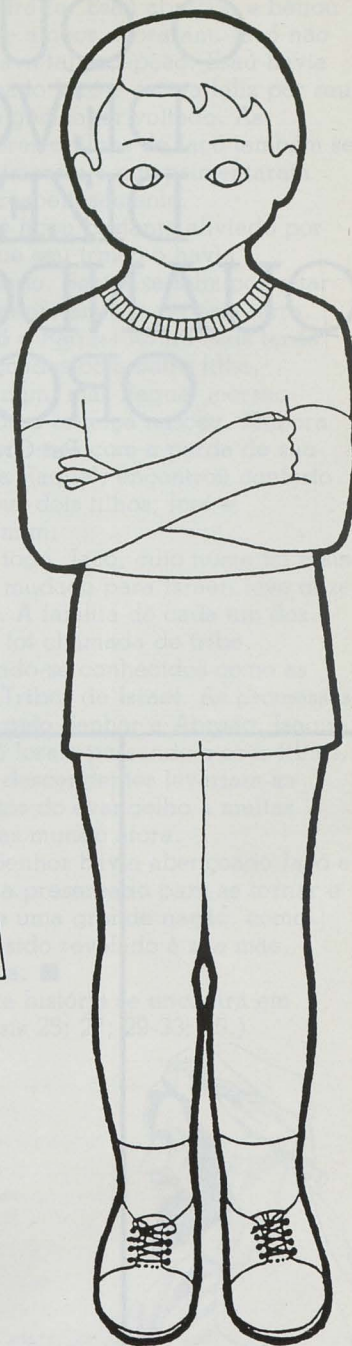
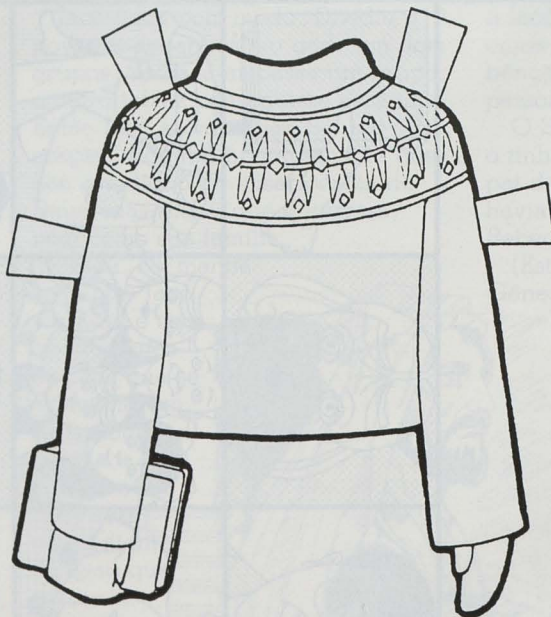
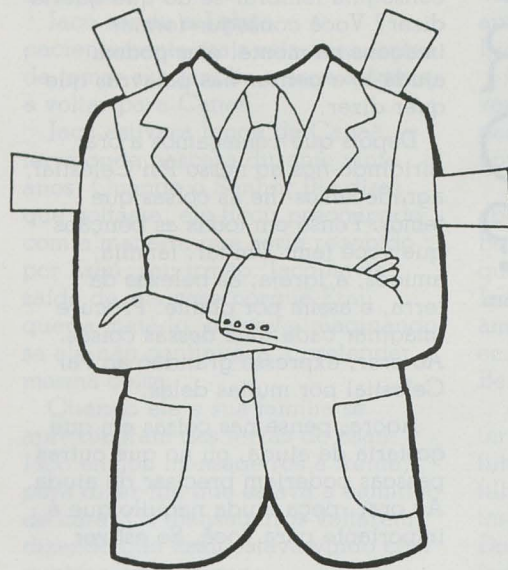
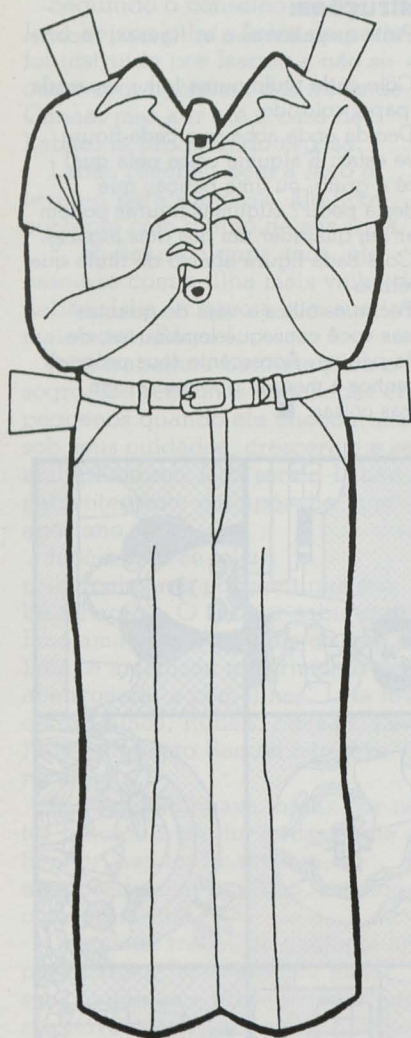
O Senhor havia abençoado Jacó e o tinha preservado para se tornar o pai de uma grande nação, como havia sido revelado à sua mãe, Rebeca. ■

(Esta história se encontra em Gênesis 25; 27; 29-33; 35.)



NIELS DA DINAMARCA

June Anne Olsen



NUNCA É TARDE DEMAIS

Élder John K. Carmack
do Primeiro Quorum dos Setenta

Fotografia de Grant Heaton.

Era a noite de uma sexta-feira, dia de pagamento, no Quartel-General do Oitavo Exército Americano em Seul, Coréia. Eu havia estado de plantão durante o dia, e assim tinha uma noite livre para ler, escrever cartas e aproveitar um pouco o tempo livre.

O dia de pagamento era sempre bem recebido, só que o dinheiro extra que os soldados tinham à disposição era usado insensatamente por alguns deles no clube. Na hora de ir para a cama, naquela noite, três soldados, obviamente sob a influência do álcool, chegaram ao quartel fazendo muito barulho.

A paz e a quietude das nossas acomodações mal mobiliadas do quartel construído pelo exército de ocupação japonês, antes da II Guerra Mundial, foram abaladas quando esses soldados entraram no alojamento. Virei a cabeça para o outro lado, afastando-me dos intrusos barulhentos, e continuei a ler, determinado a ignorar a mudança no ambiente.

Apesar dos esforços para permanecer sozinho e em paz, um rapaz alto e vistoso parecia decidido a me fazer participar do grupo. Ele cambaleou até meu beliche. “O que você está lendo?” perguntou. “A biografia de John Stuart Mill”, respondi. Erguendo o olhar, imediatamente reconheci Alma Anderson (nome fictício), do nosso pequeno porém unido grupo da Igreja em Seul, Coréia. Eu tinha certeza de que Alma também me havia reconhecido.

Profundamente embaraçado e constrangido, ele se virou e começou a se afastar, e então caiu no meu beliche. “Conheço você da reunião de nosso grupo alguns meses atrás, Alma”, disse eu.

“Sim, eu me lembro de você”, respondeu sem muito entusiasmo. A essa altura, ele estava profundamente angustiado. “Você conhece Doutrina e Convênios?” perguntou-me de repente. “Leria para mim a Palavra de Sabedoria?”

Apanhei Doutrina e Convênios, abri na seção 89, e vagarosamente li em voz alta cada palavra da revelação conhecida como Palavra de Sabedoria, incluindo a frase “bebidas fortes não são para o ventre”. (D&C 89:7.)

“Essa não foi a pior coisa que fiz”, disse ele. “Sabe, minha mãe acha que eu vou cumprir missão. Mas já não posso fazê-lo.”

Nesse ponto, eu o interrompi: “Alma, você ainda pode sair em missão. Você gostaria de saber como?”

“Você realmente acha que eu poderia ir, apesar do que fiz? Fiz praticamente tudo o que não deveria fazer. Acho que é tarde demais para uma missão.”

Eu sabia o que ele queria dizer, quando declarou que havia feito tudo. Eu via muitos de meus colegas de exército não aparecer no campo durante a noite. Seus interesses estavam em algum outro lugar. O padrão de comportamento de Alma era bastante semelhante ao de seus amigos, mas, de modo geral, os membros do nosso grupo da Igreja não participavam dessas excursões noturnas.

Alma ia voltar para casa na semana seguinte. Não obstante, sabendo dos pecados que provavelmente havia cometido e conhecendo também o plano de salvação do evangelho, sem o qual estamos todos perdidos, afirmei com confiança: “Sim, você pode ir, mas não vai ser fácil.”

Abrimos Doutrina e Convênios 58:42-43 e lemos a respeito do arrependimento. Falamos sobre a necessidade de confessar os pecados sérios ao líder do sacerdócio. Sugeri que, chegando em casa, fosse imediatamente procurar o bispo na Califórnia. Lá, ele poderia continuar o processo de arrependimento iniciado naquela noite. Também o admoestei a se comprometer naquele instante e a abandonar os graves pecados da transgressão sexual e a nunca mais repeti-los. Admoestei-o a ser paciente, porque seria necessário tempo. Sugeri que lesse Alma 39, para entender como seus pecados eram sérios aos olhos do Senhor. Por fim, expliquei que, como parte do arrependimento, tinha de planejar servir aos semelhantes pelo resto da vida. Falamos a respeito do Salvador, sua misericórdia e do sacrifício expiatório. Ajudei Alma a entender que, embora seus pecados fossem sérios, ele não estava perdido. “Todos pecamos e estamos perdidos sem a grande missão do Salvador”, foram minhas palavras de conforto. “Mas temos de nos arrepender dos pecados para sermos limpos pelo sangue de Cristo.”

Se você tem o desejo de voltar atrás

e qualificar-se para a obra do Senhor,

nunca é tarde demais!

O Senhor é misericordioso e bom.

“Amanhã é sábado, Alma. Venha passar a noite aqui conosco. Ou então, se você quiser ir aos serviços de adoração comigo no domingo, esteja aqui mais ou menos às oito da manhã.” Ele prometeu que estaria lá nos dois dias, e esteve. No domingo ele se achava muito quieto, mas ficou comigo o dia todo. Participamos de um banquete espiritual, e Alma começou a mostrar sinais de que a esperança estava voltando. Ao fim de um belo dia de descanso da vida militar, ele voltou para sua unidade.

Na segunda-feira, ele veio despedir-se. Depois, dirigiu-se ao Porto Inchon e para o navio-transporte de tropas que o esperava e que o levou pelo Oceano Pacífico de volta aos Estados Unidos e sua orgulhosa família. Eu freqüentemente me perguntava o que teria acontecido com ele ao chegar em casa. E então, certo dia, chegou esta carta:

“Caro John:

“Talvez você se lembre de mim. Embora nosso relacionamento fosse breve, teve e terá uma influência duradoura em minha vida. Tenho-me perguntado o que me fez falar com você naquela noite, mas fiquei muito grato por tê-lo feito. Nossa conversa foi um ponto fundamental em minha vida. Desde aí, minha vida mudou para melhor.

“Aprendi por amargas experiências qual a melhor maneira de viver e estou atualmente muito feliz com a vida de santo dos últimos dias. Voltando para a Califórnia, tive uma conversa com o bispo. Alguns meses depois, fui entrevistado para a missão pelo (Elder) Hugh B. Brown (do Conselho dos Doze) e ele deixou claro que esperava muito de mim para compensar os erros do passado. A entrevista terminou com uma decisão positiva de minha parte. Recebi o

chamado para a missão no sábado, e logo vou entrar na casa da missão. Não vou sair de meu estado natal, mas estou muito satisfeito com o chamado.

“Sou grato a você pelo incentivo e pelo conselho que me deu naquela noite. Embora não me sentisse muito bem, lembro-me de suas palavras. Talvez nosso encontro fosse proposital. Eu acho que sim. De qualquer forma, expressei o mais profundo apreço por sua ajuda e desejei-lhe a melhor sorte por toda vida.

“Por favor, escreva-me e diga-me como está e o que está fazendo. Ficarei muito feliz ao ter notícias suas.

“Com amor,

“Um irmão no evangelho.”

Ao ler essas palavras, percebi que havia estado precisamente no lugar certo e na hora certa para ajudar Alma a começar o processo de arrependimento. A obra do Senhor é sempre realizada por meio de homens e mulheres, seus filhos e filhas. Minha recompensa foi um momento de pura alegria.

A próxima (e última) vez que vi Alma foi um dia no Templo de Los Angeles, quando estava esperando o início de uma sessão de “endowment”. Alma entrou na sala de espera, e nos abraçamos como velhos companheiros de tropa e, mais importante que isso, como amigos eternos. Ele falou brevemente de sua missão bem sucedida. Não havia sido fácil, mas sentia-se orgulhoso e alegre por haver terminado a missão de tempo integral. Na verdade, embora pensasse ser tarde demais para a missão, não foi assim.

A mensagem para nossa excelente juventude é clara. Se você tem o desejo de voltar atrás e qualificar-se para a obra do Senhor, nunca será tarde demais! O Senhor é misericordioso e bom. Sim,

quando se trata de pecados sérios, há alguns débitos penosos a serem acertados: o doloroso momento em que você reconhece que pecou, a confissão, a reparação, a paciência e o comprometimento a uma vida inteira de serviço. Seria melhor nunca ter-se envolvido em atividades que trazem escuridão espiritual. “Pois eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância; entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado.” (D&C 1:31-32.) Mas o Senhor ainda o ama, apesar dos pecados.

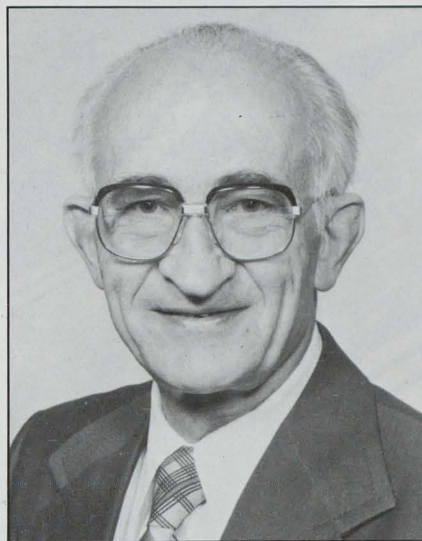
Jovens, precisamos de você para servir ao Senhor. Talvez seja difícil, e talvez você sofra, se houver pecados sérios a superar; mas você jamais lamentará ter cumprido missão. Os momentos de alegria, quando ajudar outra pessoa a perceber que pecou e que precisa ter fé no Senhor, arrepender-se dos pecados e ser batizada, compensarão as dificuldades e a dor. A abundância de bênçãos que você derramará na vida dos outros continuará por toda a eternidade. E essas bênçãos também encherão sua vida de alegria. Essa alegria jamais acabará, pois as conseqüências se propagam eternamente.

Então, arrependa-se e volte a servir. O Senhor ama você, e a Igreja precisa de você. Deixe de lado o falso orgulho e marque uma hora com o bispo ou presidente do ramo, para começar o processo de arrependimento agora. Sua recompensa será paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro. (D&C 59:23.) Estou convencido de que há muitos como você que, por causa do pecado, da culpa e de não entenderem o desejo do Senhor de perdoar ao pecador arrependido, perderam a esperança e decidiram não atender ao chamado missionário. Minha mensagem sincera a você é que nunca é tarde demais! ■

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Não entendo o mandamento contido no Velho Testamento de retribuir “olho por olho, dente por dente”. (Êxodo 21:24.) Por que o Senhor daria uma lei tão vingativa aos filhos de Israel?



Ermel J. Morton, patriarca, Estaca Rexburg Idaho Leste, Rexburg, Idaho

Bastante interessante, essa passagem não se destina a dar aprovação a atos vingativos e retaliações. Da maneira como foi dada pelo Senhor no Velho Testamento, a frase é uma figura de linguagem que significa “igual por igual”. A idéia é expressa por algumas palavras bem escolhidas por Paulo: “Tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” (Gálatas 6:7.)

Nos tempos do Velho Testamento, o conceito de “olho por olho” foi dado como princípio para orientar os juizes, para que seus julgamentos fossem justos, e para que qualquer punição necessária fosse tirada das mãos dos acusadores.

Como Alma explica a seu filho Coriânton, o princípio básico era a restauração ou “reconstituir o mau em mau, ou o carnal em carnal, ou... o bom para o bom, o reto para o que for reto”. (Alma 41:13.) Ou, como o Salvador o colocou no Sermão da Montanha, “com a medida com que tiverdes medido, vos hão de medir a vós”. (Mateus 7:2.)

No julgamento final, o olho será restituído com o olho, o dente com o dente, a misericórdia com a misericórdia, a bondade com a bondade — e, significativamente, o mal daí em diante para uma vida voltada para o mal.

Quando o Salvador proferiu o Sermão da Montanha, citou: “Olho por olho, e dente por dente”, e depois acrescentou “eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”. (Mateus 5:38-39.) O Senhor não estava revogando o princípio de justiça divina que dera a Moisés no Sinai; pelo contrário, estava denunciando o ensinamento dos escribas e fariseus da época, cuja compreensão do intento da escritura era errada. Ao invés de limitar o julgamento àqueles que tinham autoridade, eles interpretavam o princípio do “olho por olho” como uma justificativa para o fato de um indivíduo praticar vingança sempre que recebia uma injúria ou insulto.

Os filhos de Israel receberam este mandamento específico como parte da Lei de Moisés: “Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Levítico 19:18.) Assim, estavam proibidos não só de praticar vingança, mas também de guardar qualquer rancor que pudesse levar à retaliação. Pelo contrário, seu dever era amar, deixando a vingança para o Senhor. (Veja Deuteronômio 32:35; Salmo 94:1.)

Assim, quando no Sermão da Montanha o Salvador ensinou o povo a não procurar vingar-se, estava simplesmente restaurando um princípio dado por meio de Moisés e procurando eliminar o tradicional ensinamento mundano que se afastara dele. ■

OS DOIS QUE ANDAM JUNTOS

Wayne B. Lynn

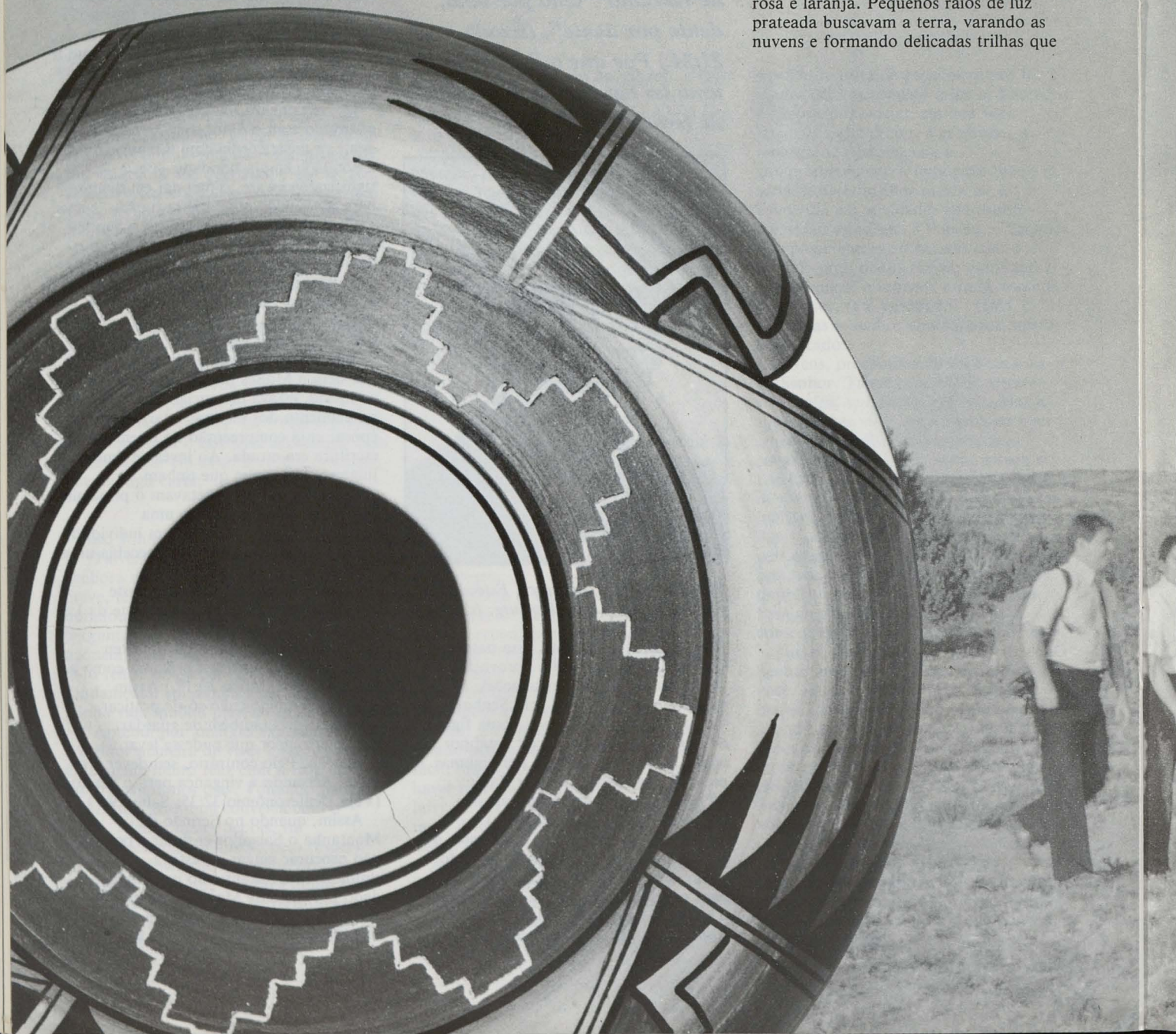
O vento havia soprado a tarde toda. A areia vermelha do deserto do Arizona infiltrara-se pelas janelas

fechadas do meu carro, forrando-o com uma densa camada.

Ao passar pelo quilômetro final em direção a meu destino, por estradas ásperas e cheias de buracos, o sol

rapidamente se punha. Com um último raio brilhante, iluminou as colinas próximas de cumes achatados, por trás de volumosas nuvens revoltas.

Num esplendor empolgante, o céu refletia sombras em tons claros de âmbar, rosa e laranja. Pequenos raios de luz prateada buscavam a terra, varando as nuvens e formando delicadas trilhas que



vinham do céu.

Nunca deixei de maravilhar-me com a beleza do deserto que se apresenta de tantas formas contrastantes. Agora, olhando a sinuosa estrada de terra passando por uma casa indígena, pude ver à minha frente a capela da Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Que lugar esquisito para uma capela, mas lá estava ela; e ao seu lado, a pouca distância, ficava "o 'trailer' dos élderes". E, o mais importante ainda, podia ver o "chidi" (caminhão) dos élderes estacionado ao

lado, e as luzes acesas no "trailer". Isto significava que os élderes estavam em casa.

Parei ao lado do "trailer" e, ao saltar do carro, um cachorro meio morto de fome saiu da casa latindo, primeiro rosnando para mim por entre dentes amarelos, e depois abanando o rabo.

Sorri e disse a mim mesmo: "Bem, não é incomum receber o presidente da missão com emoções contraditórias. Nem sempre os élderes ficam felizes ao me ver, se o 'trailer' não está limpo ou se o trabalho

não está sendo feito."

Neste caso, o Élder Naylor e o Élder Jensen me cumprimentaram calorosamente e imediatamente começaram a me contar como estava indo o trabalho. Logo no início da conversa, o Élder Naylor disse: "Presidente, o que realmente lhe quero contar é a respeito desse senhor chamado Amos Singer. Ele tem dois netos muito inteligentes que moram com ele. Pediu-nos que os ensinássemos, para que possam filiar-se à Igreja e desfrutar das bênçãos de



pertencer a ela.

“Estávamos ensinando-os pela primeira vez no sábado passado, e o avô entrou para ouvir a palestra. Falávamos a respeito de Deus, de Jesus, do Espírito Santo e da oração. Depois que acabamos, ele começou a nos contar algumas coisas que realmente nos surpreenderam. Era como todas aquelas histórias a respeito das quais eu tinha ouvido, mas nunca pensara que aconteceriam comigo. Contou que tem setenta e nove anos e que havia sido treinado para ser o curandeiro da tribo quando era muito jovem (por volta de quinze anos de idade). Ele foi ensinado por seu bisavô e tem uma memória incrível de crenças muito antigas dos índios navajos. A maioria deles não conhece as tradições realmente antigas.

“Ele nos falou a respeito de como estudou a organização de muitas religiões. Diz que são todas diferentes, com exceção da “Maneira Mórmon”. Ele nos disse que as coisas que ensinamos são as mesmas coisas ensinadas pelos antigos navajos, embora a religião navajo tenha mudado muito ultimamente. Falou-nos da ‘vida eterna’ e de como a terra será destruída num futuro próximo pelo fogo e depois renovada, tornando-se um lugar de felicidade e sem problemas para os justos. Disse que, quando Cristo vier novamente, será em glória e com anjos cantando à sua volta. Seu bisavô ensinou-lhe a música que os anjos cantarão, e até nos cantou parte dela. Ele disse que, pelo que sabe, existem apenas duas pessoas vivas hoje que conhecem essa música. Falou-nos a respeito das lendas dos ‘ahix kee naa aashii’, os ‘dois que andam juntos’ e de como eles trariam o evangelho de volta para seu povo. Apontou para nós e disse: ‘Vocês são as pessoas das quais essa história fala! Os dois que andam juntos.’”

Quando o Élder Naylor acabou de me contar sua história, eu estava tentando segurar as lágrimas.

“Como sabem”, disse-lhes eu, “essas coisas estão previstas nas profecias do

Livro de Mórmon. Como se sentem aqui cumprindo as escrituras?”

“Imagine só”, respondeu o Élder Jensen, “o que teríamos perdido, se não tivéssemos saído em missão!”

“Isso mesmo”, respondi, “e pense em todos os outros élderes que andaram por esses caminhos poeirentos dois a dois. É por causa deles que esta capela está aqui. E é por causa de vocês e de outros como vocês que estão falando em transformar este ramo em ala e em logo formar uma estaca lamanita.

“Quero contar-lhes a respeito de dois de seus companheiros élderes com os quais estive na semana passada e que andaram juntos por Lukachukai. Ouvei falar deles, quando participei de uma conferência de estaca. Entre os oradores daquela manhã, estava um belo rapaz navajo. Ele se achava amedrontado por ser a primeira vez que falava em público, mas foi apoiado pela fé e pelo testemunho profundo e sincero. Poucos meses antes, a Igreja lhe era desconhecida.

“Dois de nossos jovens élderes foram com seu caminhão até onde puderam com uma estrada lamacenta e esburacada e depois os ‘dois andaram juntos’ os treze quilômetros restantes na lama e neve para ensinar um homem e seu neto. Por causa do esforço e determinação, esse rapaz, agora um membro batizado cheio de espírito de amor e testemunho, estava falando à congregação. Logo também estará numa missão, andando com um companheiro por alguma estrada distante do interior ou em alguma rua de uma cidade. Ele abrirá seu caminho no lar e coração daqueles que buscam o Senhor. Oh, a grande aventura da obra missionária!”

“Presidente, lembro-me de quando eu achava que pular de cima de um monte de feno era uma grande aventura. Só descobrir nosso caminho pela reserva era uma aventura para nós quando chegamos. Tínhamos um pouco de medo de aprender uma nova língua e conhecer uma nova terra, um povo estranho e sua maneira de

agir. Agora aprendemos a amá-los e não trocaríamos esta experiência por nada neste mundo.”

“Vocês dois conhecem o Élder Kempter, não conhecem?” perguntei. “Recebi uma carta dele há pouco tempo, e entre outras coisas, ele dizia: ‘Tenho uma história para o senhor.’ Era mais ou menos assim: ‘Na noite passada, após realizar uma noite familiar, preparávamos para ir embora, quando uma garotinha se aproximou do caminhão e me perguntou se eu queria uma cabra. Eu lhe disse que provavelmente seria muito nova para se comer e eu não tinha lugar para guardá-la. Bem, não sei se o senhor sabe o que significa oferecer uma cabra, mas algum tempo depois eu descobri. Oferecer uma cabra é uma maneira de uma jovem propor casamento! Fiquei tremendamente surpreso quando descobri isso, mas não se preocupe, presidente, não há atração nenhuma de minha parte!’

“Percebem o que eu quero dizer quando me refiro a uma grande aventura? Tenham cuidado, irmãos, em não aceitar cabras!”

“Por outro lado, pensem em alguns dos nossos élderes que chegam do interior ou da reserva indígena, a uma cidade grande pela primeira vez. Essas novas experiências são engraçadas e desafiadoras. Lembrem-se do Élder Descheenie?”

“Claro que me lembro dele. Era um élder navajo, de olhos pretos, cabelo escuro e crespo, e um largo sorriso que nos fazia imaginar o que ele esteve tramando. Era um bom élder.”

“É ele mesmo, e ele era um bom élder. Gostaria de contar-lhes esta história, relatada numa carta que recebi dele: ‘Alguma vez lhe falei dos meus dois primeiros dias no Centro de Treinamento Missionário, em Provo, Utah? Bem, eu era o único missionário que falava navajo no Centro naquela época. No meu primeiro dia não tive dificuldade para achar meu apartamento e as aulas para os



missionários, mas, no segundo dia, levantei-me tarde e descobri que todos já tinham ido para a aula; assim, tomei um banho e decidi ir para a aula também, mas não consegui achar minha sala. Andei por todos os cantos, pelo edifício todo, e ainda assim não consegui achar minha sala de aula. Então, simplesmente desisti e decidi voltar para meu apartamento e ficar lá até que meu companheiro voltasse.

“Assim, dirigi-me para o apartamento, mas também não consegui achá-lo, e decidi tentar o bloco mais próximo. Mesmo assim não consegui achar meu próprio quarto. Então vi muitas garotas entrarem no bloco em que eu estava e pensei comigo mesmo: Devo estar no bloco das jovens. Saí de lá tão depressa quanto pude. Estava tão perdido, que não sabia o que fazer e assim andei até a livraria e lá encontrei meu companheiro. Como fiquei contente por vê-lo novamente!

“Contei-lhe o que me havia acontecido, e ele quase morreu de rir. De qualquer maneira, esses foram os bons velhos tempos. Tivemos alguns batismos no sábado passado, e temos mais alguns em vista. Ia escrever-lhe uma longa carta,

mas não tenho novidades, e assim vou terminar por aqui e trabalhar um pouco mais. Tenha um bom dia, e obrigado por tudo. Até breve... Élder D.’

“Contei essa história a alguns de nossos novos missionários ainda na semana passada, quando os levava para sua primeira designação. Dirigi-me ao Élder Bobby Yazzie, sentado ao meu lado, e perguntei: ‘Você por acaso encontrou o Élder Descheenie?’ Um sorriso surgiu-lhe no rosto, e seus olhos se encheram de lágrimas. ‘Presidente’, disse ele, ‘foi ele que me encontrou, me ensinou e batizou. Se não fosse por ele, eu não estaria aqui hoje. Sou o único de toda minha família que é membro da Igreja.’

“É difícil explicar a emoção que senti, quando ele me contou isso. Há apenas dois anos Bobby não havia ouvido falar da Igreja, e lá estava ele ao meu lado: inteligente, bem apessoado, perspicaz e ansioso por prestar testemunho a seu povo. Bobby estava no campo havia pouco tempo, quando fez os primeiros batismos, de seu próprio avô e sua avó, e muitos mais depois disso.”

Ao terminar de contar minha história, comecei a pôr as coisas na pasta, preparando-me para partir. Os élderes tinham um compromisso marcado, e eu

outra visita para fazer.

A noite já caíra havia várias horas quando cheguei à cidade onde as irmãs Hucks e Matson eram missionárias. Já era tarde, mas achei que deveria parar para cumprimentá-las, uma vez que partiria bem cedo na manhã seguinte. As luzes de seu apartamento estavam acesas, e achei que adivinhara corretamente que estavam em casa. Fui cumprimentado com entusiasmo, e elas iniciaram a conversa, dizendo: “Adivinhe o que nos aconteceu esta noite, presidente!”

“Digam-me, o que aconteceu?”

“Bem, o líder da missão da ala se comportou misteriosamente durante a semana toda. Ele não nos pediu, ele *mandou* que estivessemos na reunião na igreja hoje. Estávamos até zangadas com ele, e imaginando o que estaria acontecendo. Quando chegamos à igreja, havia alguns carros estacionados do lado de fora, mas não havia ninguém à vista.

“Entramos na igreja e vimos que as luzes estavam acesas e ouvimos vozes em uma das salas no corredor de entrada. Fomos até lá e batemos na porta.

“Tudo ficou em silêncio e então a porta se abriu totalmente.

“Para nossa surpresa, a sala estava repleta de gente, e na primeira fila, olhando diretamente para nós com um sorriso radiante estava a família que havíamos ensinado. Estavam todos usando roupas batismais brancas.” Sem conseguir falar mais, as missionárias sorriram para mim por entre as lágrimas.

Foi Jesus quem há muitos anos “mandou-os de dois em dois, a todas as cidades...”

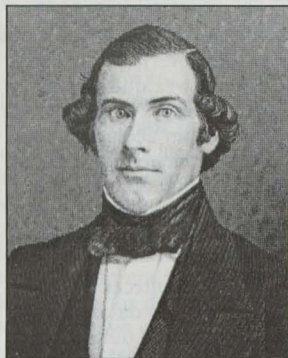
“E dizia-lhes: Grande é, em verdade a seara, mas os obreiros são poucos; rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.” (Lucas 10:1-2.)

Fico pensando se um rapaz ou uma jovem recusaria um chamado para a missão se soubessem da alegria dos “dois que andam juntos” e da “grande aventura” do serviço missionário. ■

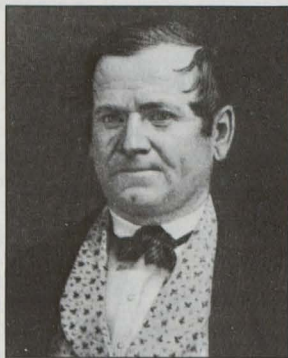
CONFIRMANDO O TESTEMUNHO DA PRIMEIRA VISÃO

Milton V. Backman Jr.

Este artigo considera relatos da Primeira Visão por contemporâneos de Joseph Smith que, segundo afirmam, lhes passou pessoalmente as informações. Esses relatos contemporâneos são interessantes, porque confirmam e incluem todos os principais conceitos encontrados no depoimento escrito de Joseph a respeito da Primeira Visão.¹ Como tal, prestam um testemunho que confirma uma das mais marcantes visões da história da humanidade.



Orson Pratt



Orson Hyde



John Taylor

Em 1834, um ano após a organização do Ramo Pontiac (Michigan), Joseph Smith e várias testemunhas do Livro de Mórmon fizeram afirmações convincentes aos membros a respeito de suas experiências espirituais. Resumindo o testemunho do Profeta, Edward Stevenson, um converso que assistiu a essas reuniões, relembra: “O Profeta testificou com grande poder a respeito da visita do Pai e do Filho, e da conversação que teve com eles. Nunca antes eu sentira um poder tão forte como o manifestado nessas ocasiões.”²

Muitos outros que eram amigos íntimos de Joseph Smith ou que o entrevistaram, também declararam que o Profeta lhes relatou essa experiência sagrada. Esses contemporâneos prestaram testemunho de que Joseph identificou os personagens que lhe apareceram e que ele lhes relatou a mensagem que havia recebido do Pai e do Filho.

Relatos de Orson Pratt

Um dos primeiros conversos que possivelmente se referiu a esse acontecimento histórico com mais frequência em sermões e escritos do que qualquer outro contemporâneo de Joseph Smith foi Orson Pratt. Por toda a década de 30 e durante o inverno de 1839-40, Orson Pratt foi um dos alunos mais atentos do Profeta. Logo após o batismo, em setembro de 1830, o converso de dezenove anos viajou mais de trezentos e vinte quilômetros para encontrar o Profeta que, em dezembro daquele ano, o ordenou élder. Quando Joseph se mudou para Kirtland, Ohio, Orson Pratt o seguiu. Nessa ocasião, ele viveu quase dois meses na casa do Profeta e trabalhou com ele. Foi um dos primeiros membros da Escola dos Profetas e passou muitas horas durante o ano de 1833 ouvindo, enquanto o Profeta revelava, nessa escola, a história e as doutrinas da fé restaurada. No início da década de 30, ele viajou com Joseph para o oeste do Missouri, e em 1835, foi chamado como apóstolo do Senhor.

A convivência de Orson Pratt com Joseph Smith continuou em 1839 e início de 1840. No fim da primavera e no começo do verão de 1839, Orson morou perto do Rio Mississippi, não muito longe da residência de Joseph Smith. Mais tarde, no mesmo ano, fez uma breve missão com o Profeta em Philadelphia, Pennsylvania, antes de viajar para Edinburgo, Escócia, onde pregou durante aproximadamente nove meses, “edificou uma Igreja de mais de duzentos santos... (e) publicou um folheto agora intitulado *Remarkable Visions*.”³

Ilustração por Deborah Barrett

Joseph Smith revelou as doutrinas da fé restaurada na Escola dos Profetas.

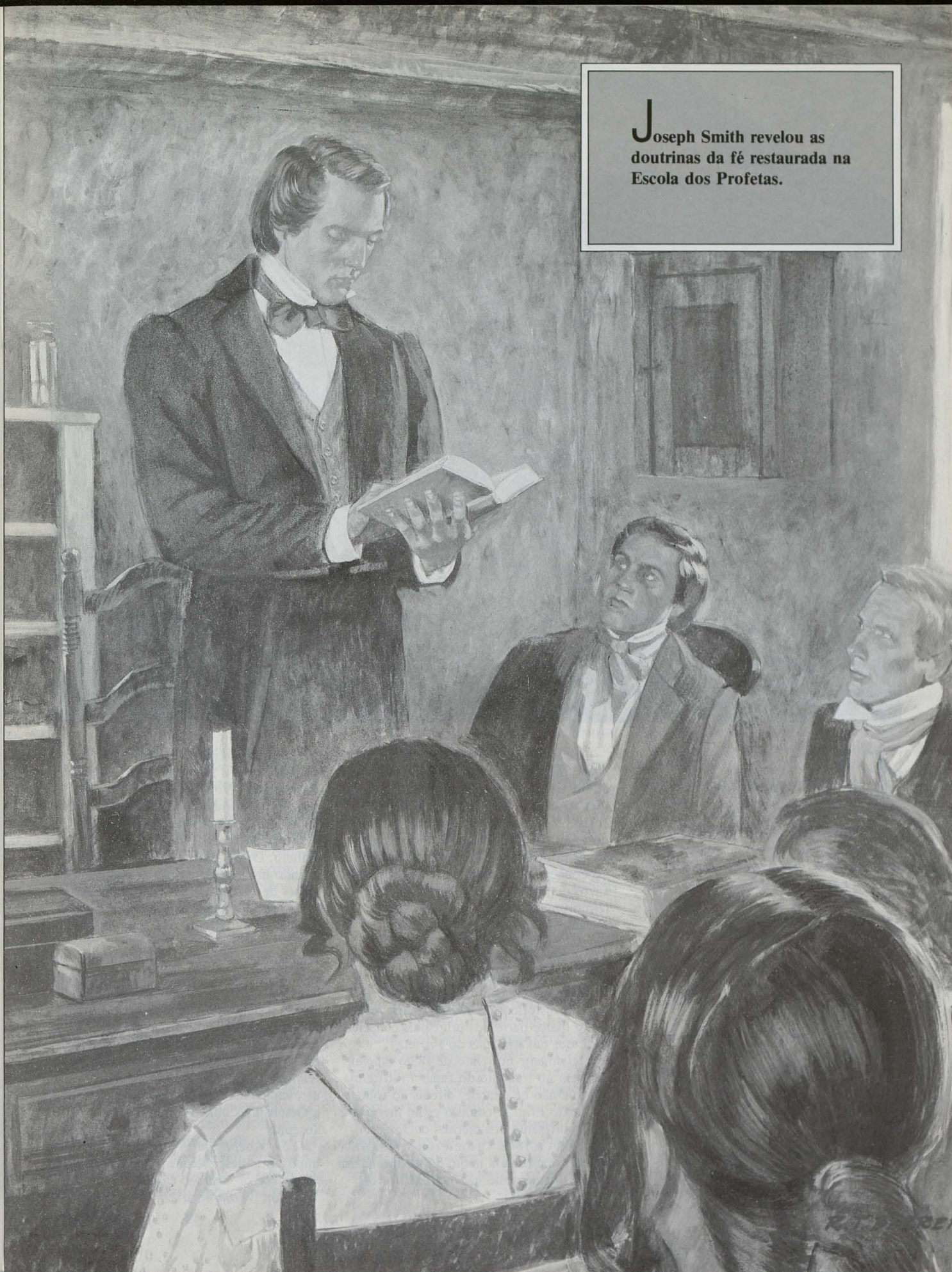


Ilustração por Robert Barrett



Em 1839, Orson Pratt serviu na Pennsylvania como companheiro missionário do Profeta.

Esse folheto missionário foi publicado no outono de 1840 e continha o primeiro relato escrito da Primeira Visão.⁴ Incluía uma descrição das primeiras visões de Joseph Smith, desde a aparição do Pai e do Filho perto de Palmyra, Nova York, até as primeiras aparições de Morôni e sua experiência com as três testemunhas do Livro de Mórmon. O Élder Pratt o reimprimiu duas vezes em 1841 e novamente em 1842 (chamada de a terceira edição americana). Nas edições americanas, ele foi ampliado para incluir um relato da restauração do sacerdócio.

Uma comparação do folheto com os escritos históricos de Joseph Smith revela que a maior parte dos principais conceitos incluídos nas histórias do Profeta (especialmente no relato de 1838) estavam também no trabalho do Élder Pratt. Uma vez que não há citações diretas no folheto do Irmão Pratt, e como o estilo literário é muito diferente dos escritos de Joseph anteriores a 1840, Orson Pratt sem dúvida baseou sua história naquilo que aprendera dos ensinamentos e não nos escritos de Joseph.

Num sermão proferido em 1859, no qual abordou a Primeira Visão, o Élder Pratt disse: “Vou transmitir-vos uma pequena história como saiu de sua boca. Eu o escutei contá-la muitas vezes.”⁵ Conseqüentemente, ao publicar seu folheto, Orson Pratt não apenas deu ao mundo um excelente resumo das primeiras visões de Joseph Smith, mas também prestou testemunho de sua autenticidade.

Segue uma seleção da edição de 1840 do *Remarkable Visions*. Conceitos semelhantes às declarações contidas nos escritos de Joseph Smith estão grifados, e após cada afirmação (entre parênteses) consta a data aproximada em que Joseph Smith registrou a informação pessoalmente pela primeira vez. As relativamente poucas diferenças nos relatos devem-se provavelmente a acréscimos literários ou detalhes contados a Orson, mas nunca registrados por Joseph.⁶

O Sr. Joseph Smith Jr., que fez a importante descoberta a seguir, nasceu na localidade de Sharon, Condado de Windsor, Vermont, a 22 de dezembro de

A Liahona

1805 A.D. Aos dez anos de idade, seus pais e sua família se mudaram para Palmyra, Nova York (1838), permanecendo nas proximidades por aproximadamente onze anos, a última parte na cidade de Manchester. Sua ocupação era cultivar a terra para ganhar o pão, ao que dedicava grande parte do tempo. Suas oportunidades de adquirir instrução formal eram bastante reduzidas, conseqüentemente, sua educação limitou-se ao breve conhecimento de dois ou três ramos comuns da aprendizagem. Ele sabia ler sem grandes dificuldades, e escrever de maneira imperfeita; e tinha um conhecimento bastante limitado das regras básicas de aritmética (1832)⁷. Isto foi o máximo que conseguiu obter; o resto das matérias, tão amplamente ensinadas nas escolas comuns dos Estados Unidos, eram-lhe inteiramente desconhecidas.

Antecedentes da Primeira Visão

Por volta dos quatorze ou quinze anos de idade, começou a refletir seriamente sobre a necessidade de estar preparado para um futuro estado de existência... Percebeu que era uma questão de infinita importância e que a salvação de sua alma dependia de um correto entendimento dessa questão. (1832)... Se procurava as denominações religiosas para obter informações, cada uma delas indicava seus respectivos princípios, dizendo: "Este é o caminho, não queres segui-lo?" (1838)... Também ocorreu à sua mente que Deus não era o autor de mais de uma doutrina, e, portanto, não podia reconhecer senão uma única denominação como sua igreja; (1842) e que essa denominação teria de ser composta por pessoas que acreditam e ensinam essa única doutrina (fosse qual fosse) e se baseiam nela.

Então refletiu a respeito do grande número de doutrinas existentes agora no mundo e que haviam dado origem a muitas centenas de denominações diferentes. A grande questão a resolver em sua mente era: se qualquer dessas denominações fosse a Igreja de Cristo,

qual era? (1838)... Em conseqüência, começou a estudar as páginas sagradas da Bíblia, com sinceridade, acreditando nas coisas que lia. Logo teve sua atenção voltada para esta passagem: "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada." (Tiago 1:5.) (1838)... Era como uma forte luz brilhando na escuridão. Ele agora percebia que, se perguntasse a Deus, havia não só a possibilidade mas a probabilidade; sim, mais que isso, a certeza de que obteria conhecimento a respeito de qual, dentre todas, era a doutrina de Cristo; e qual, dentre todas as igrejas, era a igreja de Cristo. Por isso, dirigiu-se a um lugar secreto, num bosque, a pouca distância da casa de seu pai e ajoelhou-se (1838) e começou a clamar ao Senhor. (1832, 1838) A princípio foi duramente tentado pelos poderes das trevas, que procuraram vencê-lo; mas ele continuou a procurar libertar-se, até que as trevas deixaram sua mente. (1838)... E, ao derramar assim sua alma, desejando ansiosamente uma resposta de Deus, ele, por fim, viu uma luz muito brilhante e gloriosa nos céus, que, a princípio pareceu estar a uma distância considerável... Ele continuou a orar, enquanto a luz parecia estar descendo gradualmente em sua direção; e, à medida que se aproximava, seu brilho e magnitude aumentavam, de modo que, no momento em que atingiu o topo das árvores, todo o local, até alguma distância, estava iluminado de maneira muito gloriosa e brilhante. Ele esperava ver as folhas e os galhos das árvores queimarem tão logo a luz entrasse em contato com eles; mas, percebendo que ela não produzira esse efeito, foi encorajado pela esperança de conseguir suportar sua presença. Ela continuou a descer, vagarosamente, até pairar sobre a terra, e ele foi envolvido por ela. No momento em que o atingiu, causou uma sensação singular em todo seu corpo; e, imediatamente, sua mente se desviou dos objetos naturais que o cercavam.

A Visão de 1820

E ele foi envolvido numa visão celestial, e viu dois personagens gloriosos (1838, 1842) que se pareciam muito um com o outro fisicamente. (1842) Foi informado de que seus pecados estavam perdoados. (1832) Foi informado também sobre as preocupações que por algum tempo haviam agitado sua mente, isto é, que todas as denominações religiosas acreditavam em doutrinas incorretas (1832, 1838, 1842); e, conseqüentemente, nenhuma delas era reconhecida por Deus como sua igreja e reino. (1832) E lhe foi expressamente ordenado que não se filiasse a elas; (1838) e recebeu a promessa de que a verdadeira doutrina, a plenitude do evangelho, lhe seria dada a conhecer futuramente (1842); depois disso, a visão desapareceu, deixando sua mente num estado de calma e paz indescritível. (1832)

Em ocasiões subseqüentes, Orson declarou que foram o Pai e o Filho que falaram com Joseph durante a Primeira Visão. Enquanto servia como editor do *Millennial Star*, escreveu um artigo intitulado: "São o Pai e o Filho Duas Pessoas Distintas?" Nesse trabalho, o Élder Pratt apresentou evidências escriturísticas e acontecimentos da história da Igreja para apoiar sua crença de que esses membros da Deidade têm uma natureza separada. Ao usar a história da Igreja como instrumento para ensinar a doutrina, o Élder Pratt declarou que Joseph Smith e Sidney Rigdon viram Cristo "à direita de Deus" em fevereiro de 1832 (D&C 76) e que Joseph Smith viu "ambos, Pai e Filho" na Primeira Visão.⁸

Algumas vezes, em sermões proferidos depois que migrou para a Grande Bacia, o Élder Pratt informou outras pessoas a respeito das experiências sagradas relatadas a ele pelo Profeta. Num sermão de 1859, Orson Pratt declarou que Joseph Smith lhe contara que, quando tinha de quatorze para quinze anos, "teve uma visão (e)... viu dois personagens gloriosos; e um, apontando para o outro, disse: "Este é o meu Filho Amado. Ouve-o." E

**Um editor não-membro
entrevistou o Profeta e
escreveu um relato da Primeira
Visão.**

foi instruído e informado a respeito de muitas coisas concernentes ao seu próprio bem-estar, sendo-lhe ordenado que não se filiasse a nenhuma dessas igrejas. Foi informado também de que, no futuro, a plenitude do evangelho lhe seria manifestada, e ele seria um instrumento nas mãos de Deus para lançar os alicerces do reino de Deus.”⁹

Testemunho de Orson Hyde

Outro amigo íntimo de Joseph Smith que publicou um folheto descrevendo a Primeira Visão antes de o Profeta publicar seus escritos históricos, foi Orson Hyde. Durante boa parte da década de 1830, o Élder Hyde viveu em Kirtland, perto da casa do Profeta, e após o batismo, em 30 de outubro de 1831, foi chamado como missionário. Seus dois primeiros companheiros foram os irmãos de Joseph, Hyrum e Samuel.

Em 1833, foi convidado pelo Profeta a ser um dos professores da Escola dos Profetas. Devido a sua fé e capacidade, foi também chamado em 1835 para ser um dos membros do primeiro Conselho dos Doze Apóstolos. Seu relacionamento com o Profeta aprofundou-se, quando teve várias oportunidades de viajar com o Profeta na década de 1830.

Depois de juntar-se a outros santos em Nauvoo, o Élder Hyde foi chamado para uma missão na Palestina, onde dedicou a Terra Santa para a coligação dos judeus. Ao voltar para casa em agosto de 1842, o Élder Hyde publicou um folheto missionário em Frankfurt, Alemanha, intitulado *A Cry From the Wilderness, A Voice From the Dust of the Earth*¹⁰. Embora a fonte principal desse trabalho fosse o livreto *Remarkable Visions*, de Orson Pratt, o trabalho de Hyde tem uma introdução e um prefácio não encontrados no trabalho anterior e contém explicações mais detalhadas.

Em seu *Cry from the Wilderness*, o Élder Hyde descreve como Joseph buscava a verdade, como atendeu às admoestações de Tiago a respeito da

oração, a oração no bosque perto da casa paterna, a presença do adversário, e a aparição da luz após as trevas. Ao descrever a visão de Joseph, o Élder Hyde diz que Joseph viu dois personagens gloriosos que se pareciam um com o outro na estatura e no físico. Eles lhe disseram que não se filiasse a nenhuma denominação religiosa, pois todas estavam erradas no que concerne à doutrina, e que nenhuma delas era considerada por Deus como sua igreja e reino. Foi orientado a esperar até uma data futura, quando a verdadeira doutrina de Cristo e a plenitude lhe seriam reveladas. Depois que a visão terminou, conclui o Élder Hyde, a alma de Joseph se encheu de paz e calma.

Outras Descrições da Primeira Visão

Os santos dos últimos dias não foram os únicos contemporâneos que descreveram a Primeira Visão de acordo com o que lhes foi relatado por Joseph Smith. O editor da *Pittsburg Gazette*, que não era membro, entrevistou o Profeta em Nauvoo, e depois publicou um artigo a respeito dele. O editor aborda a reforma que precedeu a Primeira Visão, a dúvida do rapaz quanto a qual igreja filiar-se, e a obediência de Joseph à admoestação de Tiago a respeito da oração. Depois, descreveu a Primeira Visão como lhe foi relatada por Joseph Smith:

“Vi uma luz”, dizia, citando as palavras de Joseph Smith, “e então um personagem glorioso na luz, e depois outro personagem, e o primeiro personagem disse ao segundo: Este é o meu Filho Amado, ouve-o. Dirigi-me então a esse segundo personagem, dizendo: Ó, Senhor, a qual Igreja devo filiar-me? Ele respondeu: ‘Não te filies a nenhuma delas, todas estão corrompidas.’”¹¹

Alexander Neibaur, um converso que se juntara aos santos em Nauvoo, descreveu em seu diário o que Joseph lhe contou durante uma conversa num jantar. O Irmão Neibaur escreveu que o Profeta disse que se havia impressionado com uma

passagem da Bíblia a respeito da oração e assim, dirigira-se ao bosque para orar. Depois de ficar com a língua temporariamente presa ao céu da boca, viu um brilho que gradativamente se aproximou dele. Viu “um personagem na luz, cútis clara, olhos azuis... (Outra) pessoa veio ao lado da primeira. O Sr. Smith então perguntou se devia filiar-se à Igreja Metodista. Não, eles não são o meu Povo, (eles) se desviaram. Não há ninguém que faça o bem, ninguém, mas este é meu Filho Amado. Ouve-o.”¹²

O Presidente John Taylor foi outro contemporâneo que “conhecia intimamente” Joseph e descreveu a Primeira Visão de acordo com o que lhe fora relatado pelo Profeta. “Viajei com ele (Joseph Smith)”, escreve. “Estive com ele em particular e em público; convivi com ele em conselhos de todos os tipos; ouvi centenas de vezes seus ensinamentos públicos, e seu conselho aos amigos e conhecidos de maneira mais particular. Estive em sua casa e vi seu comportamento junto à família... Estava com ele... quando morreu, quando foi assassinado em Carthage... Testifico perante Deus, anjos e homens, que era um homem bom, honrado e virtuoso... que seu caráter, tanto em particular quanto em público, era irrepreensível — e que viveu e morreu como um homem de Deus.”¹³

Recordando o que Joseph lhe contara, o Élder Taylor diz: “Posso contar-vos o que ele me declarou a esse respeito. Disse que era bastante ignorante a respeito dos caminhos, designios e propósitos de Deus, e que não sabia nada sobre eles; era um rapaz não familiarizado com assuntos religiosos, ou com os sistemas e teorias de sua época. Ele procurou o Senhor, tendo lido a afirmação de Tiago... Acreditou naquela afirmação e procurou o Senhor e perguntou-lhe, e o Senhor se revelou a ele juntamente com seu Filho Jesus, e, apontando para ele, disse: ‘Este é o meu Filho Amado, ouve-o.’ Ele então perguntou a respeito das várias religiões que o cercavam. Indagou qual delas



estava certa, pois queria saber o caminho certo e segui-lo. Foi-lhe dito que nenhuma delas estava certa, que todas se haviam afastado do caminho certo.”¹⁴

O Élder Taylor não apenas declarou que aprendeu com Joseph Smith as verdades básicas reveladas na Primeira Visão, mas também proclamou que a história de Joseph Smith de 1838, descrevendo os acontecimentos que precederam a organização da Igreja, era correta.

Em outubro de 1880, durante a Quinquagésima Conferência Geral Semianual da Igreja, os membros da Igreja apoiaram o Élder Taylor como profeta, vidente e revelador. Após esse apoio, o Presidente George Q. Cannon, primeiro conselheiro na Primeira Presidência,

agindo sob a direção do Presidente Taylor, apresentou à assembléia uma nova edição de Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor, que continha o relato de Joseph Smith de 1838 da Primeira Visão, propondo que os presentes aceitassem os livros e seu conteúdo como sendo “de Deus, e dados a nós como povo e como Igreja”. Em seguida, o Presidente Joseph F. Smith, segundo conselheiro na Primeira Presidência, pediu aos membros que aceitassem os livros como contendo “revelações de Deus para a Igreja”. Por voto unânime, os líderes e membros concordaram que a Primeira Visão e outros escritos da Pérola de Grande Valor e Doutrina e Convênios foram inspirados por Deus.¹⁵

Com esse voto de apoio, a Primeira

Presidência, os Doze Apóstolos (muitos dos quais haviam conhecido pessoalmente Joseph Smith), e outros membros da Igreja testificaram que a parte da história de Joseph Smith de 1838, que descrevia a visão de 1820, era uma descrição fidedigna de um acontecimento histórico real.

De 1830 até hoje, as Autoridades Gerais e outros santos dos últimos dias em todo o mundo têm prestado firme testemunho da autenticidade dos ensinamentos e escritos de Joseph Smith concernentes à Primeira Visão. O Presidente Spencer W. Kimball, por exemplo, declarou: “Nada menos que essa visão completa de Joseph poderia ter servido ao propósito de afastar os mitos de séculos. Uma simples impressão, uma voz oculta, um sonho (não) teriam dissipado as velhas fantasias e conceitos errados...”

“O Deus de todos esses mundos e o Filho de Deus, o Redentor, nosso Salvador, em pessoa, visitaram esse rapaz. Ele viu o Deus vivente, viu o Cristo vivente.”¹⁶ ■

NOTAS

1. Foram escritos relatos em 1832, 1835, 1838 e 1842. O Profeta não publicou o relato de 1832 de sua experiência, e ele ficou apenas no rascunho. O relato de 1835 foi registrado em seu diário de Kirtland, mas o Profeta não o incluiu em sua *História da Igreja*. O relato de 1838 era parte da história que Joseph Smith iniciou na primavera de 1838 e terminou pouco antes de novembro de 1839. Essa história foi originalmente publicada em *The Times and Seasons*, em 1842, e incluída na edição de 1878 da Pérola de Grande Valor, sendo aceita pela Igreja como escritura em 1880. O relato de 1842, conhecido como a Carta Wentworth, foi o último redigido pelo Profeta. Foi publicado em março de 1842 pouco antes de sua história de 1838 começar a ser publicada em série.

2. Joseph Grant Stevenson, “The Life of Edward Stevenson” (Tese de mestrado,

Brigham Young University, 1955), pp. 19-20; Edward Stevenson, *Reminiscences of Joseph, the Prophet, and the Coming Forth of the Book of Mormon* (Salt Lake City, 1893), p. 4.

3. "History of Orson Pratt", *Millennial Star*, 11 de fevereiro de 1865, p. 88.

4. Referência à publicação desse folheto missionário "de Orson Pratt" aparece na história de Joseph Smith, com a data de dezembro de 1840, com esta nota: "Edinburgh, September." *History of the Church*, 4:254.

5. *Journal of Discourses*, 7:220.

6. Os relatos de Joseph Smith da Primeira Visão foram publicados no Apêndice de Milton V. Backman Jr., *Joseph Smith's First Vision* (Salt Lake City: Bookcraft, 1980).

7. Joseph Smith escreveu em sua história de 1832 que, devido à pobreza, ele foi obrigado a trabalhar arduamente para ajudar a sustentar a família, e ele e seus irmãos e irmãs não receberam os benefícios da educação. "É suficiente dizer", acrescentou ele, "que fui simplesmente instruído a ler e a escrever e nas regras básicas da aritmética, que constituíam toda minha escolaridade." (*The Personal Writings of Joseph Smith*, comp. Dean C. Jessee, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1984, p. 4.)

8. *Millennial Star*, 15 de setembro de 1849, pp. 281-84; 15 de outubro de 1849, pp. 309-312.

9. *Journal of Discourses*, 7:220-221.

10. Há diferentes traduções do título e conteúdo desse folheto do Élder Hyde.

Uma cópia dessa publicação pode ser encontrada no Departamento Histórico da Igreja.

11. *New York Spectator*, 23 de setembro de 1843.

12. *Journal of Alexander Neibaur*, 24 de maio de 1844, Departamento Histórico da Igreja SUD.

13. *Three Nights' Public Discussion* (Liverpool: John Taylor, 1850), pp. 23-24.

14. *Journal of Discourses*, 21:161.

15. *Millennial Star*, 15 de novembro de 1880, pp. 723-724.

16. Spencer W. Kimball, *The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball (Salt Lake City: Bookcraft, 1982), pp. 428-430.

MORMONISMO

SEGURE-SE



antes de

ESTENDER A MÃO A OUTROS

*Se quiser trazer alguém de volta ao
caminho reto e estreito, não deixe de antes
agarrar-se firmemente à barra de ferro.*

